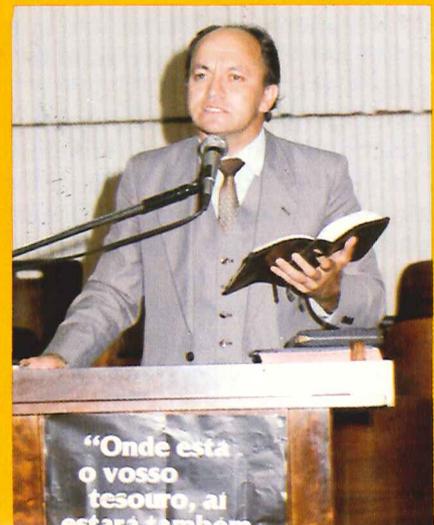


O ARAUTO da SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO
SETEMBRO, 1985

European Nazarene
College
Library



"Onde está
o vosso
tesouro, aí
estará também



"ONDE ESTÃO OS NOVE?"

A prática de agradecer é mais que sinal de boa educação. Ficamos satisfeitos e tecemos elogios aos pais de criança que agradece quando recebe um presente ou qualquer pequeno favor. "Isso mesmo!", "Assim é que é!", dizemos em nota de apreço.

Por outro lado, entristece-nos ver pessoas que recebem atenções após atenções, favores de toda a espécie, ajudas em muitas áreas importantes, mas parecem ignorar as mãos solícitas que se dispuseram a servi-las.

Por vezes chega mesmo a haver um *Obrigado*. Mas é algo mecânico e frio, dito mais por convénio social do que como expressão de alma agradecida.

Jesus teve uma experiência interessante neste sector. Conta-nos o médico Lucas que o Nosso Senhor curou, de uma só vez, dez leprosos. Nove deles se apressaram a voltar à sociedade, ansiosos pela reintegração. Um deles, porém, voltou aos pés de Jesus Cristo, prostrou-se e O adorou em agradecimento. Foi nessa ocasião que o Senhor perguntou, com visível mas magoada ironia: "Não foram dez os limpos? Onde estão os outros nove?" (Lucas 19:11-19).

A evasão ao agradecimento atinge hoje a tantos "outros nove" que lhes perdemos a conta. Este comportamento deve-se, por vezes, a um conceito de gratidão expressa em outro favor ou dádiva, uma espécie de retribuição material ao bem recebido. Até chegamos a dizer: "Depois compre-lhe um bom presente e, assim, exprimirei o meu agradecimento..." Há mesmo outros que verbalizam esta filosofia estranha: "Só agradece quem não quer mais"...

Mas não é nosso propósito apontar o dedo acusador a indivíduos que falham neste capítulo de "dar graças". Nós mesmos seríamos gravemente atingidos. Antes, desejamos salientar por que dar graças e os benefícios desta prática.

A pessoa agradecida dá provas do seu equilíbrio interno e de ajustamento real à sociedade. Quando reconhecemos que fomos alvos de ajuda, atenção, favor ou bondade de outrem, exprimimos

com isso que não nos consideramos auto-suficientes. Precisamos uns dos outros; completamo-nos uns aos outros.

Na sua carta aos Colossenses, o apóstolo Paulo suplica: "Sede agradecidos" (3:15). Exprime-se aqui mais que uma opção social; antes, uma característica básica indispensável à pessoa mental e espiritualmente saudável. Mesmo sendo o Dono de tudo, Jesus deu graças.

É o desrespeito pelos bens alheios que provoca toda a gama de poluição—tanto a do ambiente como a do relacionamento social. As mazelas que a natureza hoje sofre são produtos de pessoas que usam e abusam dos recursos como se lhes pertencessem ou fossem criados para seu capricho. Quando há desrespeito pela terra, pela água, pelo ar, tudo sofre e a natureza fica desfalcada; sempre que nos servimos de pessoas apenas para avanço das nossas causas e interesses, poluímos também o seu mundo e, por contágio, o nosso enferma ainda mais.

"Sede agradecidos" é um apelo a que reconheçamos valor e ajuda em focos exteriores: divinos e humanos. Nada valoriza tanto a outra pessoa, aos nossos próprios olhos, que descobrir nela algo essencial à nossa felicidade diária. Assim, até para auto-preservação, aprendemos a acarinhar os que nos cercam e de que, até certo ponto, dependemos.

Nas espécies gregárias a companhia de outrem traduz mais do que instinto social: é reconhecimento de que as nossas vidas se interlaçam para ajuda e apoio mútuos. Em prisões de todo o mundo um dos castigos mais rigorosos que se dá a alguém é o de confiná-lo à cela solitária. Segregado do convívio e auxílio de outros, o prisioneiro sofre mais do que se tivesse recebido vergastadas. "Sede agradecidos" torna-se, então, a divisa da solidariedade que faz do contributo de outrem para a nossa vida não um favor grangeado ou merecido, mas uma dádiva a compartilhar a tempo e hora. □

—JORGE DE BARROS

O NOSSO MAIOR RECURSO

CHARLES H. STRICKLAND



Superintendente Geral



Aproveitemos "o poderoso potencial de mais de meio milhão de crianças e jovens..."

Estatísticas nazarenas mostram mais de 582.259 crianças e jovens matriculados nas nossas Escolas Dominicais, os quais representam 53,6 por cento do total de 1.134.413 (1984). Quando consideramos o poderoso potencial de mais de meio milhão de crianças e jovens para o futuro da igreja, reconhecemos que são o nosso maior recurso.

A maioria dessas crianças provêm de famílias nazarenas e, assim, fazem parte da nossa herança. Temos razão para regozijo genuíno frente a este maravilhoso exército de líderes em potência.

Os nossos jovens asseguram o futuro da igreja. Eles são os estudantes da faculdade de amanhã que virão a ser professores e oficiais administrativos, pastores e evangelistas, dirigentes gerais e leigos treinados que substituirão os ministros, bem como os missionários que espalham pelo mundo a mensagem salvadora de nosso Senhor.

Em vários países dominados pelo comunismo, esforços para estrangular a igreja têm sido mais árdus do que a princípio se pensava. Muitas dessas potências têm permitido realizar cultos. Entretanto, todas as classes de Escola Dominical para crianças e jovens, bem como qualquer forma de preparação religiosa, foram suprimidas. As autoridades esperam que a igreja morra com a

passagem da geração presente.

Várias denominações apresentam hoje perdas na membresia da igreja. Podemos constatar que tais perdas resultam, em parte, do declínio de matrículas na Escola Dominical nos anos passados.

A juventude da nossa igreja é uma responsabilidade premente. A Divisão de Vida Cristã, através dos Ministérios para Crianças e Jovens, está a produzir o melhor em literatura e programas para estes grupos especiais. Editores competentes nestas áreas dedicam-se a escrever e a publicar a literatura mais adequada e doutrinariamente saudável encontrada em qualquer igreja.

Tudo isto deve ser interpretado a nível local. Devemos continuar a preparar professores e a ensinar crianças. Devemos continuar o programa de prover boas oportunidades para grupos de todas as idades. Devemos aproveitar, a nível local, de todos os materiais disponíveis para o nosso uso. Existe muito mais do que pensam alguns obreiros da Escola Dominical. As nossas crianças têm direito a um período de classe bem preparado e ao melhor quanto a programas. Cabe-lhes, ainda, o direito de terem um professor que lhes explique a lição de forma eficiente.

Elas também merecem um professor com genuína compaixão cristã. Para muitas crianças e jovens a hora que passam na classe da Escola Dominical torna-se o único tempo de instrução religiosa. Eles precisam da nossa total compaixão e cuidado. Saudamos o grande número de obreiros nazarenos que, à volta do mundo, cumprem esta tarefa importante. □

"ONDE ESTÃO OS NOVE?"	2
<i>Jorge de Barros</i>	
O NOSSO MAIOR RECURSO	3
<i>C. H. Strickland, Super. Geral</i>	
OS BLOCOS DO DESTINO	5
<i>Sérgio Franco</i>	
"MAIS ALÉM"	7
<i>Armando de São Nogueira</i>	
TESOUROS NA TERRA	9
<i>Eudo T. de Almeida</i>	
EFEITOS DA DISCIPLINA	10
<i>Dan Ketchum</i>	
REGRESSO AO LAR DO MEU FILHO PRÓDIGO	11
<i>Um Pastor Nazareno</i>	
BRASIL—UM DESAFIO PERMANENTE	13
<i>Jorge de Barros</i>	
METÁFORAS	17
<i>Antônio N. Leite</i>	
FALSO TESTEMUNHO	18
<i>Zilte R. C. Oliveira</i>	
PÁGINA DEVOCIONAL	19
<i>Paula Troutman</i>	
"ATENÇÃO, POR FAVOR"	20
<i>Mário J. Zani</i>	
É URGENTE A NECESSIDADE DE EDIFÍCIOS	21
<i>Lela O. Jackson</i>	
NORMAS PARA A PROMESSA DE FÉ	22
A OBRA MISSIONÁRIA NO CONTEXTO DA IGREJA ..	23
<i>L. Guy Nees</i>	
PERGUNTAS E RESPOSTAS	24
A ARTE DE DAR A OUTROS	25
<i>Lola M. Williams</i>	
O CAMPO É O MUNDO	26
VINDE A MIM	27

FOTOS: CAPA—D. Smith; p. 6, 7—D. Gomes; p. 17—J. Wood; p. 23—J. Phillips; p. 24, 25—The Costas.

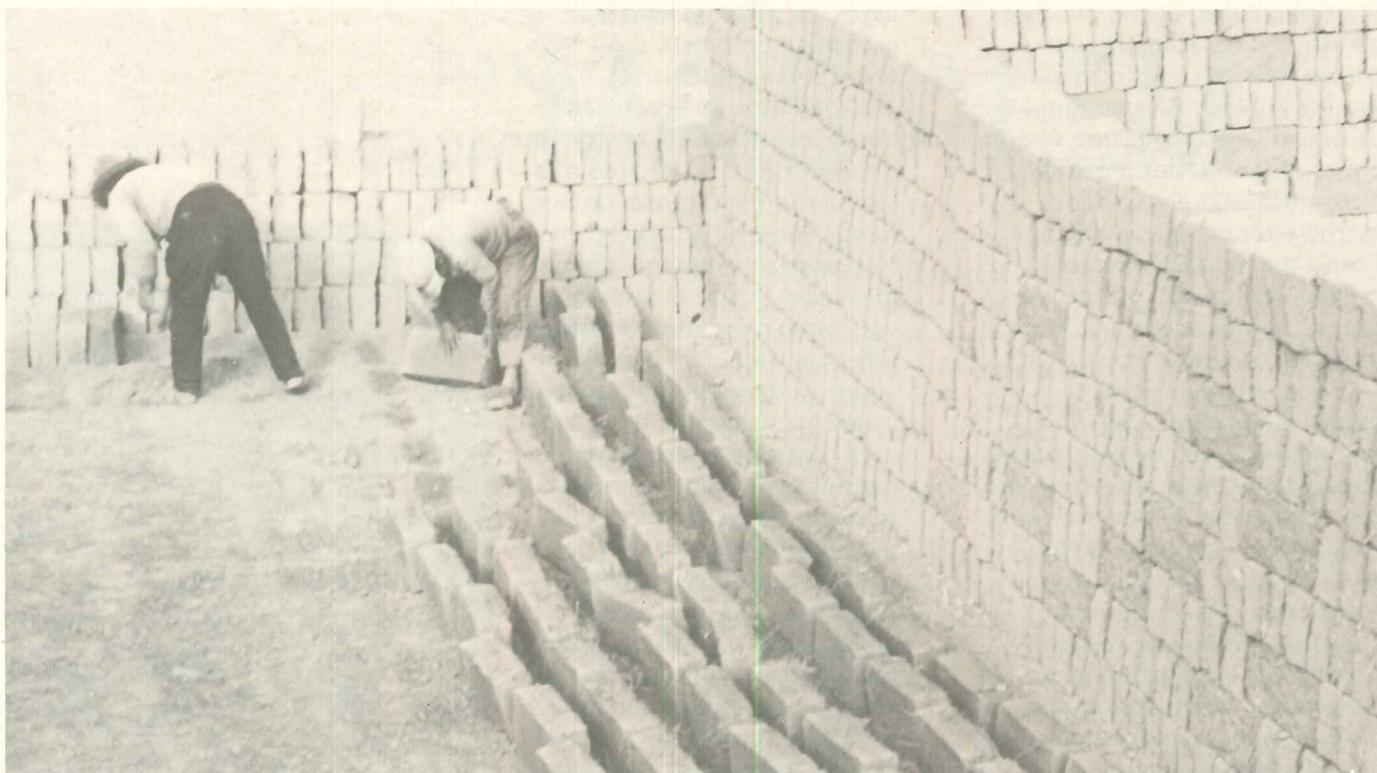
BENNETT DUDNEY, Director Geral
JORGE DE BARROS, Director
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES, Administradora

ACÁCIO PEREIRA, Redactor
ROLAND MILLER, Artista

O ARAUTO DA SANTIDADE é membro da EPA (Associação da Imprensa Evangélica)

"O ARAUTO DA SANTIDADE", USPS 393-310, é publicado mensalmente por **Publicações Internacionais** e impresso pela **Casa Nazarena de Publicações**, 2923 Troost Ave., Kansas City, Missouri 64109, E.U.A. Toda a correspondência respeitante a subscrições deve ser endereçada a Publicações Internacionais, 6401 The Paseo, Kansas City, Missouri 64131, E.U.A. Direitos reservados (1985) pela Casa Nazarena de Publicações. Preço da subscrição anual: US\$4.00. Aceite como correspondência de segunda classe em Kansas City, Missouri, E.U.A.

"O ARAUTO DA SANTIDADE", USPS 393-310, is published monthly by **Publications International**, printed at the **Nazarene Publishing House**, 2923 Troost Ave., Kansas City, Missouri 64109. Editorial offices at 6401 The Paseo, Kansas City, Missouri 64131. Address all correspondence concerning subscriptions to Publications International, 6401 The Paseo, Kansas City, MO. 64131. Copyright (1985) by Nazarene Publishing House. Postmaster: Please send Change of address to O ARAUTO DA SANTIDADE, 6401 The Paseo, Kansas City, MO. 64131. Subscription price: US\$4.00 per year. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, U.S.A.



OS BLOCOS DO DESTINO

—SÉRGIO FRANCO

Até onde me alcança a memória, o pensamento é meu. Não sei realmente quando surgiu pela primeira vez, mas tenho-o usado desde princípios da década passada. Parece-me que foi numa das reuniões de escritores evangélicos que me dei ao trabalho de reflectir ordenadamente sobre o tema. Tinha que inspirar novos recrutas nas fileiras de escritores e não vi forma melhor de o fazer que meditar no poder da pena.

Os livros são os blocos do destino. Vejamo-los como enormes e silenciosos eixos sobre os quais giram as grandes decisões da humanidade. Esta proposição é uma conclusão. Aceito-a com intensidade porque cheguei a ela pessoalmente. Muitíssimas outras pessoas têm

chegado à mesma conclusão, pois antes das revoluções do espírito humano sempre há um livro; e, depois delas, há outros livros que reúnem a sua força ao rio da humanidade em marcha.

Alguém escreve. Outro lê, inspira-se, dá-lhe interpretação própria, faz uma síntese e tira as suas conclusões—quer o primeiro escritor as tenha vislumbrado ou não. Depois faz a sua própria revolução, grande ou pequena, musical, científica, política, económica ou espiritual. Em alguns casos, povos agradecidos levantam uma estátua ao herói—mas atrás do líder dessa revolução está um livro, mudo e inegável nos seus efeitos.

As páginas dos livros estão repletas de poder e só esperam

ser descobertas de novo por uma mente, para que o milagre se repita!

Os que agitam a humanidade não são os administradores industriais ou bancários nem os capitães do exército. A ênfase da nossa época, que engrandece os “lucros”, o visível, é tão intensa que corremos o risco de perder esta verdade. As revoluções do espírito são as que perduram e que mudam o mundo. Os professores e os escritores são os moldadores da história. E os blocos que usam são os livros.

Exemplos

Habacuque escreve. O seu escrito transforma Saulo de Tarso; e este, por sua vez, muda o seu mundo—e escreve. O que ele escreve muda Santo Agostinho que influencia o seu

mundo—e escreve. Quase quinze séculos depois outro homem lê o que Paulo escreveu, confirmando que os livros não perecem. Esse homem chama-se Martinho Lutero. Com os olhos abertos e o coração em fogo, Lutero torna-se o Reformador, muda a Europa, altera o rumo da história e escreve. Dois séculos depois, João Wesley lê o que Agostinho e Lutero tinham escrito e repete-se o milagre. Com a sua mudança livra a Inglaterra duma revolução sangrenta, como sucedeu na França (também provocada por livros).

Wesley escreve. A sua pena é tão prolífera que dá a impressão de não ter feito outra coisa. O que ele escreveu foi lido por Guilherme Wilberforce que, persuadido, consegue no seu país a abolição da escravatura —e escreve. Os seus escritos chegam à América e inspiram a extinção da escravatura nesse continente. Assim continua a história, num correr sem fim.

Por quanto os livros transmitem, inspiram e preservam ideias, constituem a maior força que o homem conhece—para bem ou para mal.

Com razão a igreja cristã tem usado a página impressa para exprimir, ensinar e perpetuar a compreensão da sua fé e missão. Diz-se dos primeiros nazarenos que quando se organizavam em certa localidade, faziam três coisas: abriam uma escola, enviavam um missionário e publicavam um boletim.

O que podemos fazer

Todos podemos participar na grande tarefa. Por cada pessoa que escreva necessitam-se cem mil que façam outra coisa. Por exemplo:

1. *Preste mais atenção na sua vida à leitura.* Quando leu o último livro? Como em todas as áreas da vida, os alvos são úteis. Comece com alvos modestos e, depois, prossiga. Procure variedade na leitura. Aplique o que leu à sua vida.

2. *Aconselhe alguém a que faça o mesmo.* Há pessoas que não podem fazer outra coisa senão ler. Há outras que não aceitam conselhos a não ser de livros. Escolha um livro com cuidado e empreste-o ou ofereça-o a alguém.

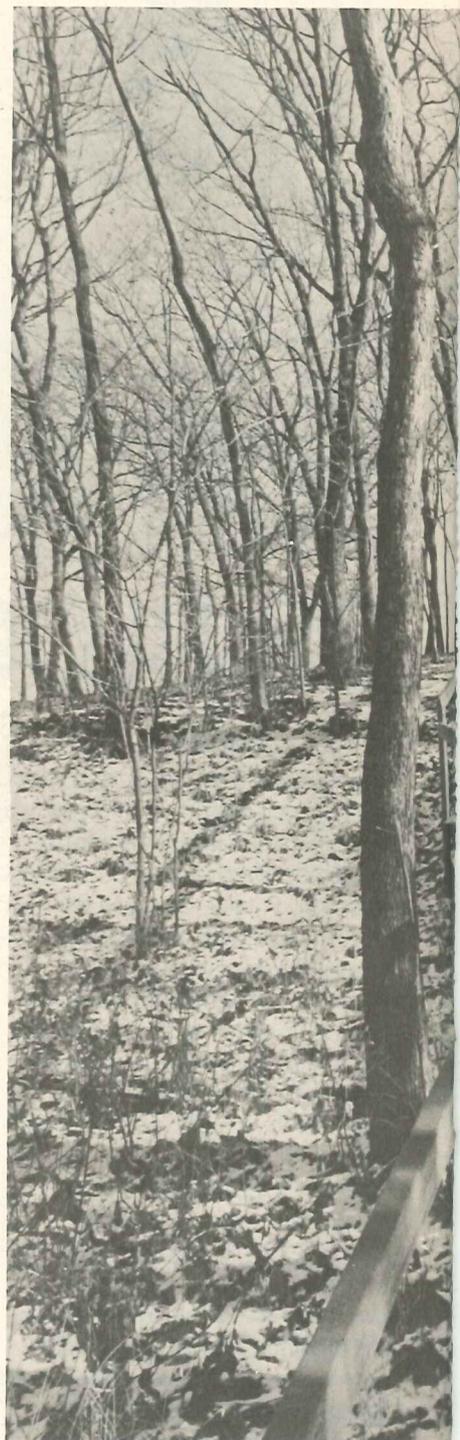
3. *Participe na organização duma biblioteca.* Há pessoas que querem e podem ler, mas não têm livros. É isso que acontece na sua comunidade ou igreja? Não poderiam organizar uma biblioteca? O cristão tem que ver com o crescimento total dos filhos de Deus. Nas páginas de algum livro pode estar escondida a vara mágica que inspirará jovens e adultos a descobrir novas fronteiras na vida. Contribua para que isso seja realidade.

4. *Ensine a ler.* A ideia parece-lhe descabida? Milhares de pessoas à volta do globo aprenderam a ler só para poder ler a Bíblia. A leitura é uma chave mágica que abre as portas ao mundo do conhecimento. Há poucos momentos tão agradáveis como quando outro ser humano declara: "Já posso ler!"

Quando Jesus Cristo é Senhor da nossa vida, isso decide as prioridades: o que lemos, quanto lemos e que fazemos com o que lemos.

Sempre que "a palavra de Cristo habite em nós abundantemente" (Colossenses 3:16), e a nossa atenção é atraída pelo Livro, ficamos prontos a incluir na nossa leitura a singular variedade de autores inspirados por Deus. Paradoxalmente, o Livro (a Bíblia) prepara-nos para outros livros; e estes ajudam-nos a apreciar mais o Livro. Este equilíbrio permite "arriscar-nos" na nossa leitura, expondo-nos a autores e livros que nos desafiem, estremeçam e façam pensar, sentir e sofrer. Tudo com o propósito de sermos melhores servos de Deus e do próximo.

Uma parte importante da nossa realização e crescimento depende da nossa leitura. □



—ARMANDO DE SÁ NOGUEIRA

“MAIS ALÉM”



Conta-se que a Espanha imprimira nas suas moedas as colunas de Hércules com estas palavras: “*Não mais além*”. Porém, no tempo dos descobrimentos, quando essas colunas foram ultrapassadas, a Espanha retirou a negativa e deixou *Mais Além*.

Não temos que permanecer onde nos encontramos. Os recursos celestiais estão a nosso dispor: há mais graça, mais poder, mais alegria e até mais amor. S. Pedro nos exorta quanto ao melhor desafio para qualquer altura do ano: . . . *continuem a progredir no amor e conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo* —II Pedro 3:18. A versão mais antiga diz: *Antes cresci* . . .

Exploremos a mensagem que esta palavrinha CRESCEI tem para cada um de nós, em forma de acróstico, nesta altura do ano:

Coração puro. Jeremias afirma: “Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso, quem o conhecerá?” (19:9). Jesus é mais claro, pois oferece pormenores práticos: *Porque do interior do coração dos homens saem os maus pensamentos, os adultérios, as prostituições, os homicídios, os furtos, a avareza, as maldades, o engano, a dissolução, a inveja, a blasfêmia, a soberba, a loucura. Todos estes males procedem de dentro, e contaminam o homem* (Mar. 7:21-23).

Felizmente temos um outro quadro mais animador, falando-nos da possibilidade da purificação — *Felizes os limpos de coração, porque eles verão a Deus* (Mat. 5:8).

Sabemos de crianças que por causa de anomalias físicas não podem crescer normalmente. Algumas só o conseguem depois de tratamento médico especializado. Outras não podem crescer intelectualmente porque são anormais. Alguns crentes continuam bebês espirituais. Os anos não perdoam, mas eles não crescem como deviam. Não sabem ainda o que é um coração puro em que habita o Espírito Santo. Muitos poderão ter uma “vida abundante”, mesmo agora, se o desejarem.

Restituição sempre que necessária (Mat. 5:23-24). Não devemos chegar ao altar para ajustar as coisas com Deus, sem ajustarmos primeiro com o nosso semelhante. Jesus recomenda que só depois de pedirmos desculpas e de buscarmos a reconciliação com o nosso amigo ou irmão deveremos buscá-Lo. O Espírito Santo é tão exigente neste ponto de restituição, que um irmão pode ter razão em determinado caso, mas se ele não fizer a sua parte para ter tudo em ordem, não alcançará vitória e poderá perder o testemunho interior da habitação do Espírito.

Uma atitude positiva e bíblica em relação à restituição faz crescer a qualquer crente.

Espiritualidade autêntica. O crescimento na graça é importante. É verdade que queremos coisas extraordinárias. Muitas vezes ficamos impressionados com testemunhos dramáticos.

O Dr. Chapman escreveu num editorial, há 50 anos: *Alguns*

cristãos têm que voar rápido ou morrer. Precisam de correr numa ou noutra direcção. Deixam-se guiar pela velocidade. Mas a experiência ensina que devemos mais ao cavalo de carga que ao de corrida; e mais do cristão em quem podemos confiar do que ao que possui muitas qualidades mas pára quando a carga é pesada.

Aqueles que são inconstantes na sua fidelidade, têm mais entusiasmo que sinceridade, podem fracassar, perder a graça e a pureza moral. Se o teu alvo é crescer, caro irmão, o Espírito Santo te ajudará a progredir no caminho da fé e santidade!

Serviço diligente. A vida cristã dá-nos outra perspectiva no desempenho de qualquer função ou em cada actividade que tivermos: *Tudo o que disserem ou fizerem, seja em nome do Senhor Jesus, e por meio d'Ele agradeçam a Deus Pai. O que fizerem façam-no de todo o coração, como se estivessem a servir ao Senhor e não aos homens...* (Col. 3:17, 23).

É importante o sentimento de realização no serviço que fazemos. Alguém que trabalha em lugar que não seja o da sua vocação vive insatisfeito. Fará o melhor que puder, mas não é o que almejava na vida. Nenhum de nós, depois de certa formação, quererá trabalhar num lugar só para grangear dinheiro. A nossa contribuição será mais efectiva quando o serviço que realizamos é vocacional.

Na Obra de Deus o serviço diligente é sempre sinal de boa saúde espiritual. Comparativamente, aconteceu isto com a sogra de Pedro. Enquanto doente e com febre, permaneceu inactiva sobre o leito. Depois de curada por Jesus, levantou-se e servia-os.

Comunhão estreita com o Pai. *Tu, porém, quando quiseres fazer oração, fecha a porta e ora a teu Pai em segredo. E o teu Pai, que vê o que se passa em segredo, há-de recompensar-te* (Mateus 6:6). Bem disse um dos nossos superintendentes gerais, Dr. C. H. Strickland: "Muitos discípulos de hoje testificam de fracassos espirituais e amargos desenganos, por dedicarem pouco tempo às devoções e passarem muitos dias sem orar". Muitos cristãos desconhecem o poder, a graça e o conforto que vêm da comunhão estreita com Deus, em oração. Exercitemo-nos mais na oração!

Evangelismo pessoal. *Quão felizes sobre os montes os pés do que anuncia as boas novas e faz ouvir o bem.* Não há exagero algum em dizer que podemos até perder a bênção do Espírito Santo se formos negligentes no evangelismo pessoal. Quantos crentes que falam de tudo e de mais alguma coisa e nem uma vez sequer dão o seu testemunho a um amigo ou companheiro de trabalho!

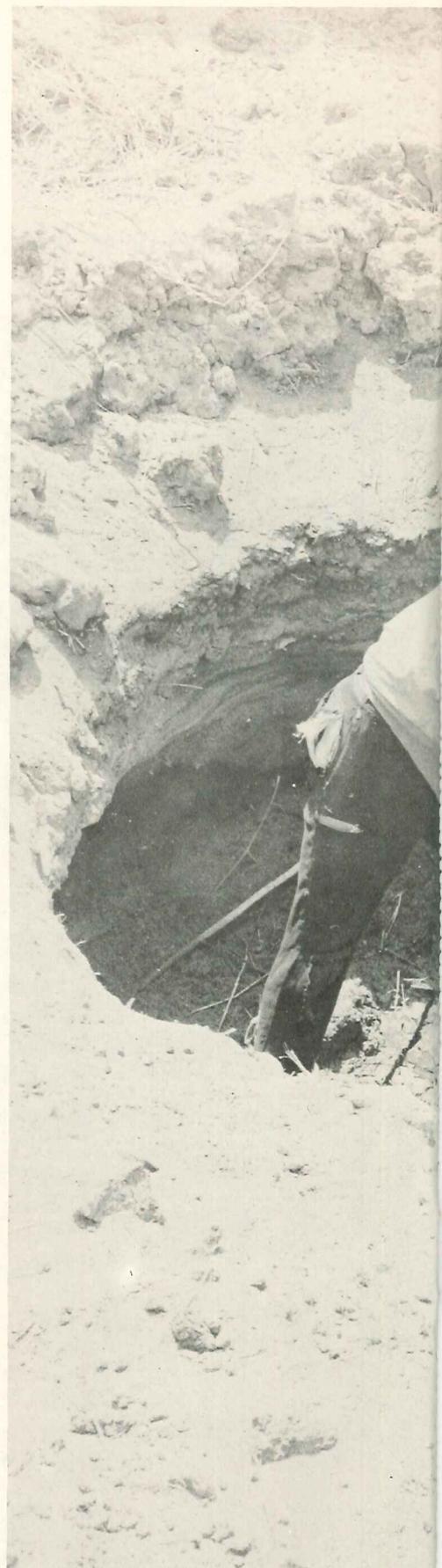
A condição espiritual de certos seria mais saudável, se houvesse fidelidade neste ponto. Os primeiros discípulos diziam: "Não podemos deixar de falar..."

Investimento consciente. *Entrega o teu caminho ao Senhor; confia nele e ele tudo fará* (Salmo 37:5). Este investimento é sempre positivo. O crente que entrega a sua vida toda a Cristo não pensa nas coisinhas que terá de deixar, pois o que ele ganha é muito maior— aqui, e no céu!

Há um sentimento de ingratidão cuja presença parece escapar aos crentes que não se consagram completamente. Ainda são egoístas. Agarram-se a coisinhas que já não querem deixar.

Deus fez de nós milionários da Sua graça. Chegamos sempre a Ele, deixando-Lhe todas as nossas cargas, mas falhamos quando não vamos em busca de mais—*Mais além* na nossa experiência cristã.

CRESCEI, pois todas as condições nos são favoráveis: uma igreja que prega a santidade prática; Cristo que fez o sacrifício necessário; e o Espírito Santo que santifica e inspira! □



TESOUROS NA TERRA

Há sempre dois lugares onde podemos colocar os nossos tesouros—na Terra e no Céu. Jesus nos aconselha a colocá-los no Céu e apresentou duas razões bem convincentes: onde estiver o nosso tesouro aí estará o nosso coração e ali os ladrões não roubam, nem a traça e a ferrugem consomem (Mateus 6:19).

Entrevistada na televisão, uma senhora confessou à polícia que os ladrões tinham levado de sua casa 350 mil dólares, 20 milhões de cruzeiros em jóias e doze barras de ouro! Não era a primeira vez que os ladrões descobriam jazida semelhante. Com frequência eles descobrem os tesouros depositados na Terra. “Os celeiros de Deus”, disse Agostinho, “são os pobres”; e há tantos “celeiros”!

Há vários anos, Artur Portela escreveu a crônica “Segredo Perdido”. Um velho avarento ajuntou tesouros na Terra, num cofre que ele visitava todos os dias e cujo segredo ele mudava diariamente. Dormia mal, comida pior e, inquieto, todas as manhãs corria para abrir o cofre, contar e apalpar o seu tesouro. Antes de voltar trocava o segredo. Certa noite o pobre velho começou a ouvir gemidos de viúvas desamparadas, crianças chorando por comida, lágrimas, súplicas e até insultos acusando-o de vilania terrível, repugnante cupidez, sórdida ambição. Desconfiado e muito aflito, levantou-se correndo para junto do cofre. Mas, de tanto ter mudado o segredo, não se lembrou da última combinação. Com a garganta seca e o coração acelerado, tentou várias vezes, sem êxito, abrir o cofre, até que com um baque surdo caiu morto ao lado do seu tesouro—tesouro escondido na Terra!

Li num jornal italiano a notícia de que, em S. Paulo, um sírio riquíssimo fora achado morto por inanição. Deixara de comer e beber por longos dias, até morrer. Numa carta ele dizia que tinha ajuntado muito, mas que se esquecera da sua alma; por isso, quando descobriu tarde demais esta falta, desinteressou-se pela vida e, decepcionado, optara por morrer daquela forma—tesouros na Terra!

Há muito tesouro enterrado em cofres, bancos—e até debaixo de colchão!—que daria para solucionar o problema da fome e do desamparo, mas os donos já velhos nunca chegaram a descobrir a alegria de compartilhar. Guardam avaramente seus tesouros até que um “especialista” em descobrir tais fortunas ocultas na Terra as vá descobrir e lançar mão delas.

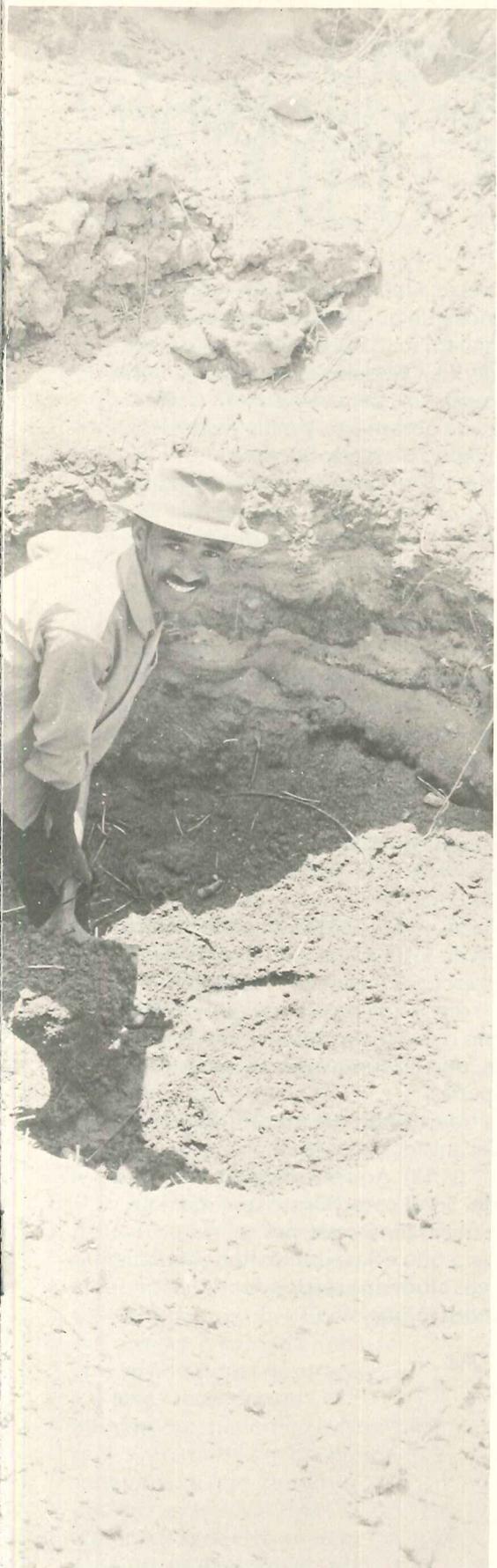
Há muitos anos vi um caso de rica miséria. Num terraço, um moço estendia notas emboloradas para depois as recolher. Medi a superfície e calculei-a em cerca de doze metros quadrados. Metado do espaço estava atapetado de notas que viam o sol pela primeira vez em muitos anos, mas agora nada valiam. A proprietária, uma senhora avarenta, aparecia de vez em quando para fiscalizar o trabalho de descolar notas e colocá-las uma ao lado da outra. Ela, avaramente, ajuntara muito para o bolor!

A Bíblia tem alguns conselhos sobre riquezas:

- Deus nos ajuda a ter riquezas (Deut. 8:18);
- Deus não deseja riquezas injustas (Jeremias 17:1);
- Deus deseja que entreguemos nossos dízimos (Mal. 3:10).

Dar o dízimo é uma das formas mais práticas e sensatas de ajuntar tesouros no Céu e, também, de aumentarmos a nossa renda aqui, pois “a alma generosa engordará” (Provérbios 11:25).

Cuidado, amigo, o “especialista em tesouros da Terra” chegou ao seu bairro e está de atalaia! □ —EUDO T. DE ALMEIDA



o mundo jovem efeitos da disciplina

Hoje acordei à hora do costume, às seis da manhã. Imediatamente Deus começou a falar comigo como de pai para filho. Ontem tinha desobedecido. Tratou-me com ternura mas, ao mesmo tempo, com firmeza. Sem acordar ninguém, levantei-me, fui para outro quarto, fechei a porta e ajoelhei para conversar com o Senhor.

Os meus pais, professores e Deus me têm disciplinado várias vezes. Embora não tenha aprendido quanto devo acerca da disciplina, no entanto, ao ser corrigido descobri algumas lições. Recordei-as esta manhã quando li *Hebreus 12:5-13*. Resumem-se a dez as lições que aprendi através da disciplina.

1. *Serei dócil.* "Não desprezes a correcção do Senhor" (v. 5). Quando Deus fala eu quero ouvir. Nem sempre tenho dado a devida atenção ao Senhor, a meus pais e a professores. Houve ocasiões em que me opus à correcção ou disciplina. Não lhe dei o valor que merecia. Agora, represento o Senhor. Sou professor e pai. Como mudou a situação! Não desprezarei a disciplina do Senhor.

2. *Terei ânimo.* "Não desmaies quando, por Ele, fores repreendido" (v. 5). Antigamente ficava frustrado quando me corrigiam. Agora Deus recorda-me que corrige porque me ama. Deseja transformar a minha vontade, sem quebrantar o meu espírito. Ele ama-me; por isso, terei ânimo.

3. *Pertencerei à família de Deus.* "Deus vos trata como filhos" (v. 7). Não desprezarei a correcção. É um sinal de carinho e de que Deus me aceita. A disciplina não é uma ameaça à minha personalidade. Pelo contrário, o ser corrigido mostra que tenho valor e que alguém me estima. Suportarei a correcção para pertencer à família de Deus.

4. *Serei como os demais.* "Da qual (disciplina) todos são feitos participantes" (v. 8). Quando era jovem e vivia com os meus pais, eles corrigiam-me com frequência, mas sempre com amor. Pensava que eu era anormal, por precisar de tanta correcção. Mas todos "tiveram os nossos pais, segundo a carne, para nos corrigirem" (v. 9). Reconheço que sou normal.

5. *Terei respeito.* "Nós os reverenciámos" (v. 9). As crianças normais esperam ser castigadas quando fazem maldades. Se os pais não procedem assim, dão azo a que elas comecem a duvidar da sua

sabedoria e interesse. Geralmente respeitamos a disciplina e cremos que os pais nos corrigem da forma que eles acham mais apropriada.

6. *Serei obediente.* "Não nos sujeitaremos, muito mais, ao Pai dos espíritos, para vivermos?" (v. 9). Obedecerei porque pertença à família de Deus. Quando sou corrigido ou disciplinado a minha vontade decide se devo ou não obedecer. Já escolhi, de uma vez para sempre, que quando Deus me corrige, Ele tem razão. Submeter-me-ei.

7. *Procurarei imitar Deus.* Ele nos corrige "para nosso proveito, para sermos participantes da sua santidade" (v. 10). Deus deseja que compartilhemos de Sua alegria, amor, paz e esperança. "Sabemos que todas as coisas contribuem, juntamente, para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu decreto" (Romanos 8:28).

8. *Suportarei a correcção.* "Na verdade, toda a correcção, ao presente, não parece ser de gozo, senão de tristeza" (v. 11). Custa de forma especial quando está em causa o nosso orgulho e vontade própria. Mas suportarei a disciplina porque um dia colherei os frutos dela.

9. *Exercitarei a disciplina.* "Mas, depois, produz um fruto pacífico de justiça, nos exercitados por ela" (v. 11). Dieta e exercícios fortalecem o organismo. De igual modo, a disciplina possibilita que o nosso espírito seja como o de Cristo. O exercício exige tempo e energia, mas continuarei a exercitar-me na área da disciplina.

10. *Terei uma boa atitude.* "Portanto, tornai a levantar as mãos cansadas, e os joelhos desconjuntados" (v. 12). Ao ser corrigido procurarei mudar de atitude. Serei como Cristo que me treina, corrige e mostra interesse por mim.

Fico orando para que estas simples ideias tiradas da Palavra de Deus ajudem a responder positivamente à disciplina. □

—DAN KETCHUM



REGRESSO AO LAR DO MEU FILHO PRÓDIGO!

As terras longínquas seduzem por vezes os jovens com promessas falsas de aventuras e encanto. Fazem-nos desviar da necessidade natural de independência, conduzem-nos por caminhos de terror e criam neles uma conduta estranha. Sem o compromisso dum relacionamento pessoal com Cristo, os jovens deixam-se impressionar por amigos mundanos e sabidos que podem arruinar para sempre a sua vida.

Como o filho pródigo da Bíblia, assim procedeu o meu quando tinha dezassete anos de idade. Preparou as malas e as pertencas; pediu-me então que o ajudasse a mudar para outra terra, no dia de Natal. Um espírito rebelde e pecaminoso se apoderara dele ao ponto de o convencer a fixar-se numa povoação vizinha. Mas, para mim, era como se estivesse a milhares de quilómetros de distância. O seu destino reduzia-se quase a uma pocilga onde se escutavam de noite sons estridentes de música excitante, se fumava marijuana e se ingeriam bebidas alcoólicas.

Certa manhã o meu filho despertou à realidade de que não tinha comida suficiente nem alguém que se compadecesse dele enquanto sofria os efeitos das drogas. A sua vida tinha-se convertido numa desgraça.

Meses antes do seu nascimento, o médico avisou-nos que o feto tinha um problema sanguíneo e que, portanto, não poderia sobreviver. Mas, se por algum milagre vivesse, não seria um bebé normal. Seis

semanas antes de nascer, vários pastores nazarenos reuniram-se em oração a favor do nosso filho. A sua oração foi ouvida. O menino nasceu normal e cresceu numa casa pastoral com todo o carinho e amor. Teve o privilégio de ser amado pela congregação que os pais serviam. Todos oraram por ele, ensinaram-lhe a Palavra de Deus na Escola Dominical e o felicitaram no dia de anos e ocasiões especiais. Em muitos lares estimaram-no como se fosse família.

Os seus anos de adolescência incluíram uma série de actividades juvenis—retiros espirituais, acampamentos, cruzadas de evangelismo e classes de discipulado. Mas não impediram que acontecesse o pior: afastou-se emocional e espiritualmente da família. Começou a ter em grande estima os novos amigos da escola. Para ele as normas cristãs de comportamento ensinadas pelos pais não passavam de restrições inflexíveis.

Tudo isto me afectou imenso. O meu mundo desabou. Quando comecei a viver esta experiência, descobri que devia dar mais atenção ao meu filho do que às opiniões alheias. Perguntei a Deus com frequência porque me tinha criado. Cada carro da polícia me recordava o desaparecimento do meu filho errante. Os prolongados períodos sem comunicação lembravam-me a possibilidade dele estar morto ou enfermo. Quando eu orava o céu parecia um manto de cobre impenetrável e o inimigo apontava-me erros

na minha responsabilidade como pai e pastor. Todas as vezes que encontrava um jovem consagrado a Deus, sentia uma profunda depressão. A angústia era pior que qualquer sofrimento experimentado anteriormente. Mas aprendi algumas lições:

1. *Nunca se dê por vencido.*

Deus tem muitas formas e servos que podem ajudar o seu filho a regressar ao lar. Oramos por vezes: "Senhor, não consintas que ele vá". Mas Deus, na Sua infinita sabedoria, permite que ele se afaste para uma terra longínqua. Deus criou o homem com livre arbítrio. Por isso, ele pode partir; mas será perseguido pelo amor divino e as recordações do lar.

2. *Conte com a ajuda da igreja.*

As pessoas da igreja são sócias na tarefa de salvar os seus filhos. Há algumas que são indiferentes e criticam. Mas a maioria é capaz de rodear os seus filhos com amor e oração.

3. *Avalie aquilo de que se sente culpado.*

É natural que você pergunte: "Em que falhei?" Nada lucra em castigar-se a si próprio. Se falhou na responsabilidade paterna, confesse a Deus o seu pecado e peça perdão de seu filho. Talvez essa atitude seja meio de maior aproximação. Se fez o melhor que pôde para cumprir a responsabilidade de pai, entregue o passado a Deus e enfrente o futuro com fé.

4. *Compartilhe as suas aflições.*

Poucas pessoas estarão dispostas a escutar todos os detalhes da sua situação, mas você não pode suportá-las só. Nas reuniões de oração peça ajuda para levar

o seu fardo. Algumas pessoas podem acompanhá-lo na oração. Como parte da grande família de Deus, sabemos como interceder diante do trono do Senhor pelas necessidades de outros. É admirável quanta força se pode receber de irmãos e irmãs na fé!

5. *Espere um milagre.* Claro que o seu filho lhe pode arruinar a vida. Talvez ele já tenha feito decisões destrutivas que o afetarão pelo resto da vida. Mas Deus ainda está vivo e no Seu trono; Ele consegue, de muitas formas, criar novas vidas da ruína, do desespero e da escravidão. Pode transformar vidas.

Já passaram cinco anos desde que o meu filho regressou ao lar e a Deus. O amor dum congregação local persuadiu-o a consagrar-se ao Senhor. Deus nunca o abandonou. Foi Ele quem reatou as boas relações entre mim e o meu filho. Amigos crentes se uniram a nós numa vigília de oração. Hoje o pessoal docente e administrativo dum faculdade nazarena ajuda-o no conhecimento da fé cristã. É possível que Deus o chame para um ministério especial. A minha gratidão a Deus e à Sua Igreja não tem medida.

Talvez neste mesmo momento você tenha perdido algum filho e Deus o esteja a encaminhar para o lar. Aumente o seu amor por ele. Não mostre ressentimento. Sempre que possível, mantenha-se em comunicação com ele. O poder do amor e da oração conseguirão trazer o seu filho ou filha à casa paterna.

Amanhã ou depois você poderá dizer: "Comamos e alegremo-nos; porque este meu filho estava morto e reviveu, tinha-se perdido e foi achado. E começaram a alegrar-se" (Lucas 15:23-24). □

—UM PASTOR NAZARENO

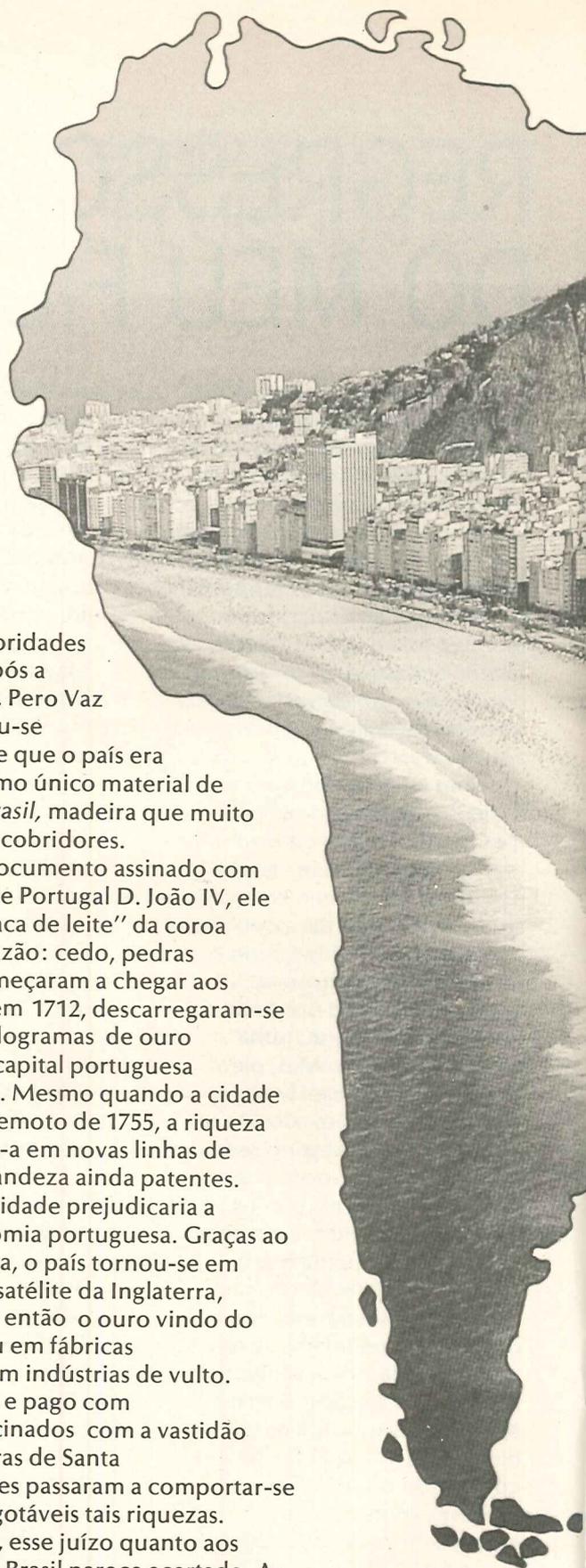
BRASIL — UM DESAFIO PERMANENTE

Numa carta às autoridades portuguesas, logo após a descoberta do Brasil, Pero Vaz de Caminha enganou-se redondamente. Disse que o país era pobre, prevendo como único material de exportação o *pau-Brasil*, madeira que muito impressionara os descobridores.

Entretanto, num documento assinado com três cruces pelo rei de Portugal D. João IV, ele chamou ao Brasil "vaca de leite" da coroa portuguesa. E com razão: cedo, pedras preciosas e ouro começaram a chegar aos portos lusitanos. Só em 1712, descarregaram-se em Lisboa 14.500 quilogramas de ouro brasileiro. A vida da capital portuguesa mudou inteiramente. Mesmo quando a cidade foi abalada pelo terremoto de 1755, a riqueza do Brasil reconstruiu-a em novas linhas de certa opulência e grandeza ainda patentes.

Essa súbita prosperidade prejudicaria a longo prazo a economia portuguesa. Graças ao seu poder de compra, o país tornou-se em termos económicos satélite da Inglaterra, para onde se escoava então o ouro vindo do Brasil. Não se investiu em fábricas nem se desenvolveram indústrias de vulto. Tudo era importado e pago com o metal amarelo. Fascinados com a vastidão e os recursos das Terras de Santa Cruz, os descobridores passaram a comportar-se como se fossem inesgotáveis tais riquezas.

Num certo sentido, esse juízo quanto aos recursos materiais do Brasil parece acertado. A economia do país tem tido ciclos e subciclos distintos — como o da madeira, o do ouro e pedras preciosas, da cana sacarina e seus derivados, do tabaco e do gado, do café,





Grupo de jovens nazarenos e seus líderes em acampamento no sul do Brasil.



também chamado "ouro preto" —, mas o Brasil surpreende sempre o mundo com novos recursos e descobertas, até em datas recentes. Novos e ricos filões, como os da Serra Pelada, fizeram do país o terceiro produtor de ouro do mundo contemporâneo. Inspirado pelo impacto de tanta grandeza, o judeu austríaco Stefan Zweig escreveu em 1942 um tratado largamente difundido sob o título *Brasil, País do Futuro*. Hoje as grandes potências do mundo olham para este gigante com o respeito devido a um país que se impõe pelo seu presente e empolga a imaginação pelo potencial do seu futuro.

Modernas artérias cruzam o solo brasileiro. Entre elas a *Trans-Brasil*, de dimensões continentais, um rasgo no coração misterioso do Amazonas. Barragens gigantes produzem electricidade que excede o consumo nacional e até pode abastecer países vizinhos, como no caso da Itaipu — a maior do mundo — com a capacidade de gerar 12600 MW. A rede de transportes públicos é larga e eficiente. Fábricas de montagem sofisticadas produzem quase tudo de que o país necessita — de computadores comerciais a económicos veículos movidos a álcool, de produtos alimentícios a aviões de treino militar vendidos a outros países. Cidades modernas concentram o grosso da população que ultrapassou os 130 milhões. Destacam-se, entre centenas de outras, a de São Paulo — o maior centro industrial da América Latina —, a que já se atribui cerca de 14 milhões. Logo a seguir vem Rio de Janeiro, hoje com mais de nove milhões de habitantes na sua "grande área" em que se englobam comunidades satélites.

Os brasileiros têm muito orgulho da sua nova capital, Brasília, realização dum sonho de séculos tendente a penetrar o interior do país. De arquitectura ousada e funcional, seu traçado básico assemelha-se a uma ave em pleno voo. A cidade conseguiu já atrair mais de um milhão de habitantes, desde a sua inauguração em Abril de 1960. Hoje é considerada um dos mais importantes centros culturais do Brasil, com seis estabelecimentos de ensino superior, quatro potentes emissoras de televisão e cadeias de rádio de audiência nacional.

O índio povoava a terra que o navegador Pedro Álvares Cabral achou para a coroa portuguesa, em 1500. Mas os colonizadores tiveram problemas em usar o elemento índio nos trabalhos da lavoura. Adaptava-se mal, adoecia muito e era pouco dado a tarefas que o prendiam a um lugar; além disso, mais conhecedor da terra, fugia com frequência dos ocupantes que o tinham reduzido, por engenho ou por força, a um trabalho ingrato. Foi daí que surgiu a ideia de importar a mão-de-obra africana, cerca do ano de 1540. Dados conservadores situam em três milhões e 300 mil o número de escravos assim chegados ao Brasil. O africano adaptou-se melhor à produção do açúcar do colonizador. Entretanto, sujeito a trabalhos pesados e a horários devastadores, resistia mal ao transplante. Para compensar o elevado número de mortos, mais e mais escravos tinham de ser importados.

Neste capítulo merece referência honrosa a missão do clero católico-romano, principalmente jesuíta. Foi a voz que se levantou em defesa tanto do índio como do africano, atitude ressentida por colonizadores obcecados pelo lucro fácil e barato.

O maior impacto da presença europeia deu-se com a chegada da família real portuguesa ao Brasil, na primeira década do século XIX. As guerras napoleónicas tinham-se estendido à Península



1 Sob a presidência da Rev. Gersonita Rangel (centro), a primeira senhora ordenada no Brasil pela Igreja do Nazareno, reúne-se a convenção da SNMM do Distrito Sul.

2 O pastor Uedson Souza Vieira e esposa, Maura Marta, vocalista que acaba de lançar o seu segundo disco.

3 Quadro de anúncios no átrio dum templo brasileiro.

4 Paulo Silas, atleta nazareno escolhido para a selecção nacional de futebol da categoria, que se tornou campeão.

5 As famílias Heap e Souza, pioneiras da obra nazarena no nordeste brasileiro.

6 A missionária Carolina Kratz apoia os que chegaram ao altar, cena típica após a pregação da Palavra nos templos nazarenos do país.

7 A presença de *despachos* (ofertas a espíritos, com finalidades específicas) em estradas e mesmo algumas ruas de cidades, é indicativa do sincretismo religioso enraizado no Brasil.

8 A generosidade do povo e seu desejo de contribuir para o avanço da obra de Cristo traduziu-se, em Vitória, Espírito Santo, na oferta espontânea destes objectos de ouro, relógios e, também, de propriedades.



SANTIDADE NOSSA MISSÃO N



Ibérica. Tropas francesas avançavam rapidamente rumo a Lisboa, enquanto a esquadra russa se punha de atalaia ao sul do rio Tejo. Então, seguindo o conselho de muitos e pressionada pelo fragor já vizinho das tropas invasoras, a família real decidiu partir. Desconhece-se o número exacto de embarcações usadas nesse dia 29 de Novembro de 1807 para a histórica mudança. Alguns dizem que foram apenas catorze; outros, que chegaram a 36. O certo, porém, é que transportaram 13.800 pessoas e metade do dinheiro do reino, em ouro e diamantes — valores que, ironicamente, teriam vindo do Brasil.

Após breve paragem em Salvador, Baía, a corte rumou para Rio de Janeiro, cidade que passaria a ser a nova capital do império português. O impacto dessa chegada é de dimensões extraordinárias. O modesto burgo deslumbrou perante a pompa e o esplendor do desembarque programado para refutar qualquer sugestão de fuga desonrosa da Europa. A cidade começou a florescer. A própria língua, até então à mercê de colonizadores menos cultos e de escravos analfabetos, passou por acentuada renovação.

Em poucos meses fundava-se a Imprensa Régia, primeira casa publicadora estabelecida em território brasileiro. Esforços anteriores tinham sido neutralizados, pois as autoridades mandavam queimar as máquinas — “para não propagar ideias que poderiam ser contrárias aos interesses do Estado”. Mas as novas impressoras vinham na bagagem do príncipe-regente. Em 1808 começaram a publicar a *Gazeta do Rio de Janeiro*, um órgão de anúncios oficiais. Entretanto, o primeiro periódico brasileiro, o *Correio Brasiliense* (1808-1823), era já publicado do outro lado do Atlântico, em Londres.

Costuma-se chamar ao Brasil “o maior país católico do mundo”, citando-se numa percentagem esmagadora (85%) de adeptos dessa fé. O

investimento na evangelização agressiva foi considerável nestas paragens: em 55 anos Portugal enviou 28 expedições missionárias ao novo território. Entretanto, em poucos países o sincretismo religioso será tão acentuado como no Brasil. O convívio das culturas índia, africana e europeia criou um clima propício ao desenvolvimento duma fé sincrética de características únicas. O Cristianismo viu-se diluído e em curiosa associação com práticas espíritas e superstições africanas, circunstância responsável por séria confusão espiritual, publicamente reconhecida por líderes católicos. Há hoje no país mais de 100.000 terreiros do Espiritismo de Umbanda.

A primeira presença protestante no Brasil de que há notícia data de 1532 e foi de expressão luterana. Um século mais tarde estabeleceu-se em Recife o I Sínodo Evangélico, fundado por holandeses. Data desse tempo um catecismo protestante publicado na Holanda, em português e no tupi-guarani, um esforço visível de evangelizar as populações europeia e índia.

A maré alta da missionação protestante só viria, porém, com a imigração estrangeira, nomeadamente alemã e norte-americana. Expulso da ilha da Madeira, por clima de intolerância religiosa, o médico missionário congregacional Robert Kalley chegou ao Brasil. Tornou-se amigo pessoal do imperador D. Pedro II, relacionamento que lhe permitiu evangelizar membros da alta sociedade. Atribui-se a este médico a criação da primeira Escola Dominical no Brasil. A data do acontecimento foi 1855, na cidade de Petrópolis onde ainda se encontra um palácio imperial. O Dr. Kalley revelou também profundo interesse pela página impressa, chegando até a traduzir para o português o clássico *O Peregrino* de João Bunyan. Vários hinos traduzidos pelo casal Kalley encontram-se no nosso hinário *Louvor e Adoração*.



Hoje o Brasil conta com mais de dois mil e quinhentos missionários evangélicos distribuídos pelas cinco regiões do país, calculando-se em mais de 11% da população o número de evangélicos professos.

A Igreja do Nazareno entrou oficialmente no Brasil em 1958. Já existiam no país vários indivíduos familiarizados com a denominação, principalmente emigrantes cabo-verdianos que aspiravam ver um trabalho nosso no grande país. Na realidade, a obra nazarena nas ilhas de Cabo Verde teria papel relevante na arrancada da denominação em terras brasileiras. O homem escolhido para começar a obra foi o Rev. Earl Mosteller, então director da missão em Cabo Verde. Entre os primeiros obreiros contaram-se os missionários Charles e Roma Gates, Ronald e Sarah Denton, e também dois pastores cabo-verdianos: o Rev. Joaquim Lima, que viria a ser o primeiro superintendente "nacional", e o Rev. José Zito Oliveira. A literatura que apoiou os primeiros anos do esforço missionário no novo campo era também impressa pela Editora Nazarena de Cabo Verde. Vários outros pastores das Ilhas emigraram para o Brasil onde ainda dão excelente contribuição ao trabalho, junto a uma dinâmica classe de obreiros brasileiros.

Neste país também se repetiria o mesmo padrão nazareno verificado em outros empenhos para a abertura de novos trabalhos: 1) Um esforço inicial para o reconhecimento do nome e da missão da igreja. Anúncios e curtas mensagens em jornais da cidade, contactos pessoais, reuniões em casas particulares, foram básicos neste capítulo. 2) Literatura para a disseminação da doutrina de santidade. Mesmo tendo de usar tradutores não familiarizados com as crenças e a terminologia da igreja, os líderes da nossa primeira hora no Brasil procuraram imprimir um bom número de livros. Várias obras foram também mimeografadas, processo

rápido e então mais económico de dar aos candidatos ao ministério o material básico de que necessitavam. 3) Uma escola para a preparação de obreiros. O Rev. Earl Mosteller acalentou o sonho de plantar mil igrejas até ao ano de 1988. Embora estejamos ainda muito longe desse número — estatísticas de 1984 dão ao campo 40 igrejas organizadas e 3.114 membros —, o desafio realçou a necessidade urgente de preparar obreiros. Desta forma surgiu o SIBIN — Seminário e Instituto Bíblico Nazareno — que recrutou, de início, os serviços de praticamente todos os obreiros disponíveis. Ensinaram estes em aulas dadas na cidade de Campinas e ministraram cursos por correspondência a alunos em várias outras partes do país. Hoje o SIBIN conta com excelentes instalações, tem uma matrícula de 51 alunos internos e mais de 120 em cursos de extensão. É seu reitor o Rev. J. Elton Wood. Em Dezembro de 1984 a escola foi elevada à categoria de Faculdade, o que atesta o nível académico a que ascendeu. Graduados do SIBIN acham-se agora à testa de igrejas no nordeste, no centro e no sul do Brasil. Entusiasta e consagrada, esta nova geração de pastores promete um crescimento rápido e saudável do trabalho. O Brasil acha-se hoje alistado no número de vinte países onde mais rapidamente cresce a Igreja do Nazareno.

Congregações se empenham em patrocinar o nascimento de novos núcleos. Assim agiram recentemente as igrejas Central de Campinas, de Santo Adré, de João Pessoa e de Mesquita. Esta última estendeu as suas fronteiras até Vitória, a mais de 500 quilómetros de distância. Em todas elas o povo é desafiado a contribuir para o estabelecimento da obra, o que fazem de forma responsável sacrificial. A um apelo do Rev. Amadeu Teixeira, cuja igreja no Estado do Rio já apoiou a abertura de cinco missões, o povo deu anéis, relógios, propriedades e dinheiro para compra de terreno, de cadeiras e,



1 Salões apinhados, como este da Igreja do Nazareno de Campinas, atestam o dinamismo do trabalho da igreja brasileira.

2 A abertura dum centro de distribuição de literatura nazarena no coração da cidade de São Paulo garante acesso rápido ao nosso material. Junto às instalações (da esq. para a direita) Jorge de Barros, Stephen Heap e Bennett Dudney.



também, para o estabelecimento dum fundo de construção de novo templo em Vitória, Espírito Santo.

Em Campinas a Igreja Central transborda, sob o ministério dinâmico do Rev. Aguiar Valvassoura. Obras de ampliação do templo mostraram-se acanhadas mesmo antes de terminadas. Num domingo à noite umas sessenta pessoas tiveram de voltar à casa por estar completamente cheio o templo onde já se apinhavam mais de 800. O pastor faz planos com o seu povo para um santuário capaz de comportar 1.500 a 2.000 pessoas. Enquanto isso, membros de todas as congregações mostram saudável zelo de levar a palavra a comunidades vizinhas.

Três pastores brasileiros têm hoje um programa diário de rádio. *A Hora Nazarena* continua a sua penetração através da Trans-Mundial e de várias outras estações locais. Em Fevereiro de 1985 tivemos a oportunidade de examinar mais de 170 das últimas cartas recebidas no escritório do Director do Campo, Rev. Stephen Heap, em São Paulo. Mostram que é considerável o impacto do programa. Revelam, também, que temos muitos ouvintes em áreas aonde ainda não conseguimos enviar obreiros, uma ponte a aproveitar-se para o estabelecimento de novas igrejas.

A dedicação dum médico nazareno brasileiro, o Dr. Haroldo Neves, originou a criação do Ambulatório Nazareno, na cidade de Olinda, Rio de Janeiro, em 28 de Dezembro de 1984. "Lançou-se a semente para o primeiro hospital nazareno no Brasil", dizem os líderes do país. O Dr. Neves escreveu: "Em nosso sonho vemos um grande hospital que prestará assistência a milhares de pessoas e auxiliará na formação de médicos, com cursos de pós-graduados e residência médica." Até agora a iniciativa tem sido inteiramente financiada

pelos nossos membros e dependente de serviços voluntários prestados por profissionais competentes.

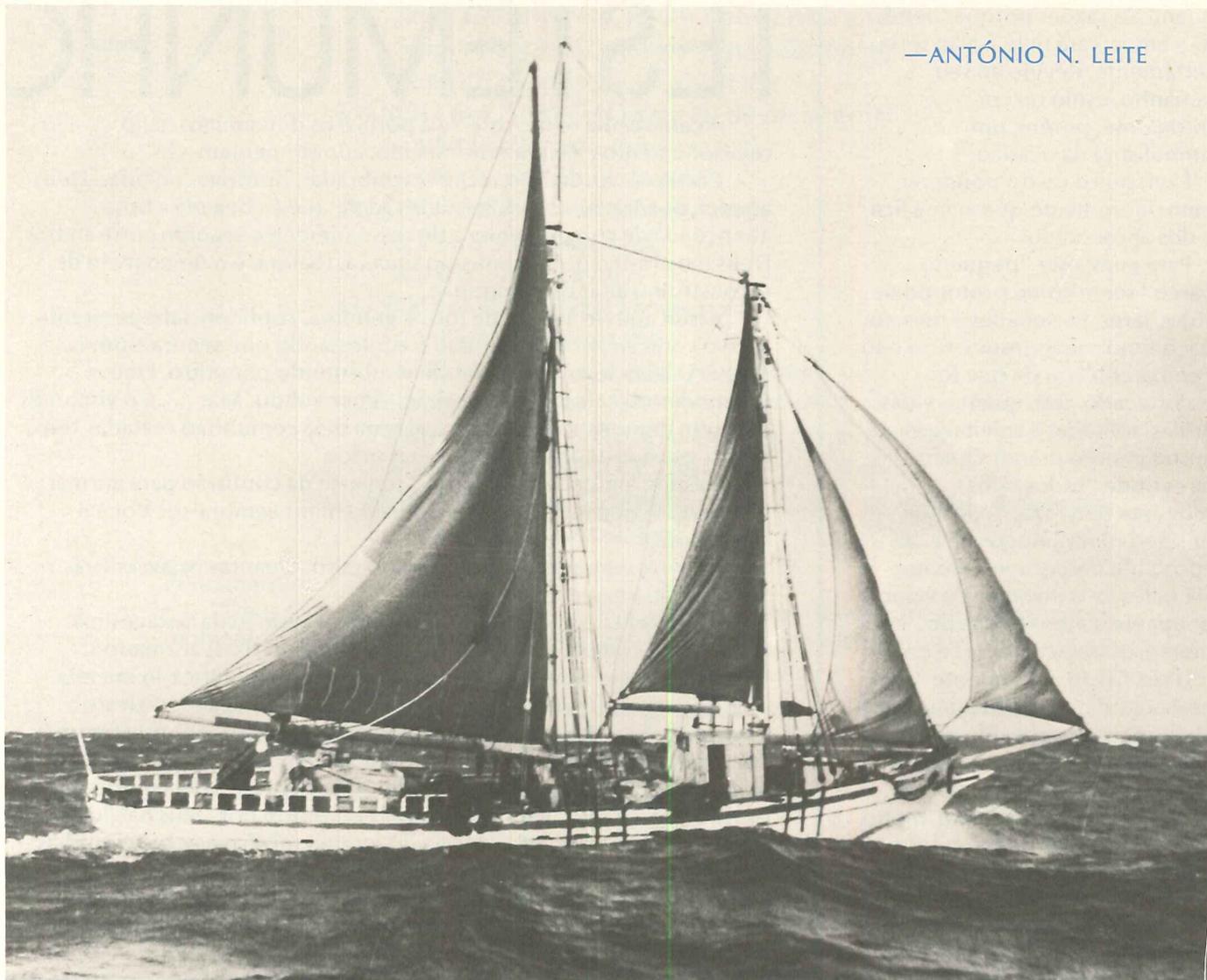
Um novo passo dado no campo da literatura promete resultados animadores. Abriu-se em São Paulo um Centro de Distribuição de Literatura, administrado pelo Director do Campo, Rev. Stephen Heap, em associação com representantes de todas as áreas de ministério do país. Tem já em depósito mercadoria no valor de vinte mil dólares norte-americanos para entrega imediata e em moeda local às igrejas e a revendedores. Evitam-se, assim, demoras do correio e problemas de cambiais. A Casa Nazarena de Publicações continua empenhada em explorar todos os meios de difundir pelo Brasil inteiro a literatura de santidade. Cremos ser esta a chave de ganhar e conservar a identidade do povo nazareno num ambiente onde proliferam doutrinas e germinam sincretismos comprometedores.

Durante as últimas assembleias distritais, ouvimos o director regional da América do Sul, Rev. Louie Bustle, desafiar a Igreja do Nazareno do Brasil a participar do programa CADA UM GANHE UM. Na sua apresentação, disse que sonhava com 40 distritos organizados em território brasileiro, com missionários do país espalhando-se pelo seu imenso território e pelo mundo, na missão de levar o evangelho. Temos já quatro distritos no Brasil: o do Nordeste, sob a liderança do Rev. Terry Read; o de Minas-Centro Oeste, tendo à frente o Rev. Dilo Palhares; o de Rio-São Paulo, de que é superintendente o Rev. Joaquim Lima; e o do Sul, administrado pelo seu fundador, o Rev. Rex Ludwig. Certo, há ainda muito caminho a andar. Mas não será idealista esta "profecia": a Igreja do Nazareno internacional do futuro florescerá com o ouro que soubermos descobrir hoje no coração do povo brasileiro — a maior riqueza do país. □

—JORGE DE BARROS

METÁFORAS

—ANTÓNIO N. LEITE



Recordo-me de alguns pequenos barcos em seus fundeadouros, balouçando preguiçosamente, solitários e vazios . . .

O "Atalanta" foi navio veloz dos mares das Ilhas de Cabo Verde. Bem lançado, garboso e corredor, tinha a admiração de quantos o conheciam.

Mas, um dia, foi fundeado em ancoradouro isolado. As autoridades achavam que, segundo as rígidas exigências da navegação marítima, o barco já não oferecia condições de

segurança, necessárias para enfrentar os bravios mares das ilhas. Assim, isolado dos seus companheiros de luta, passou a "viver de recordações" dos tempos de tão frutuosa actividade. Num protesto mudo, denunciava o abandono a que fora votado. Certo dia, o inevitável aconteceu: afundou-se! . . .

E pelas praias da ilha os transeuntes passaram a recolher apenas insignificantes pedaços do "Atalanta", que fora navio bem lançado, garboso e corredor . . .

Triste sorte a de muitos aposentados: acham-se praticamente esquecidos da entidade patronal por quem trabalharam e a quem deram a gema do seu vigor físico, intelectual e moral, durante os melhores anos de vida. Agora, esgotados, que esperam? . . .

Um caso a ponderar!

O Evangelho de João narra que uma multidão saiu à procura de Jesus (João 6:22). Mas notaram

que "do outro lado do mar, não havia senão um *pequeno barco*, e que *Jesus não embarcara nele...*"

Não pretendo especular quanto às razões porque "Jesus não embarcara nele". Não seria, certamente, devido ao seu tamanho, estilo ou cor. Intriga-me, porém, um simbolismo da ocasião.

É um outro caso a ponderar, bem diferente do que acima fica, o dos aposentados.

Para mim, este "pequeno barco" serve como protótipo de vidas, lares, sociedades e mesmo nações nos quais Jesus Cristo não "embarcou" ou de que foi escorraçado. Daí, quantas vidas áridas, solitárias e sujeitas ao afundamento moral! Quantos lares onde "todos ralham e ninguém tem razão", porque neles só reina a discórdia e um constante descontentamento. Há neles uma inversão de valores, enquanto a auto-estima dos seus membros tragicamente se esvai.

Jesus Cristo, certamente "não embarcou" nas sociedades onde Ele é apenas conhecido como Aquele que "reparte o pão e o peixe". Nestas, Ele passou a ser um Cristo comercializado, muito "celebrado" em ocasiões festivas como o Natal e a Páscoa: um Cristo que dá lucro! Nações O têm escorraçado; nelas Jesus "não embarcou", porque perderam a convicção de que "Bem-aventurado é o povo cujo Deus é o Senhor" (Salmo 114:15). □

FALSO TESTEMUNHO

A campanha toca. Abre-se a porta e os dois amigos, cujo relacionamento estivera estremeado, cumprimentam-se.

Conversa cordial. Histórias lembradas, histórias contadas. Deus aquece os corações e o hospedeiro sente que é chegada a hora abençoada de romper o muro de ressentimentos erguido entre ambos. Deus mostra-lhe que a confissão sincera, realista, é o único meio de reconstruir o altar da comunhão.

Assim aquele amigo, de forma genuína, confidencial e penitente, abre o coração pedindo perdão e confessando que sentira ciúmes, pois se julgara lesado na amizade e substituído por outro. Houve um momento celestial na sua alma! A paz voltou. Mas... e o visitante? Teria ele demonstrado a mesma alegria pela comunhão reatada? Não, pela presa que agora estava em suas mãos.

E assim, algum tempo depois, serve-se da confissão para afirmar: "Você disse que tem ciúmes e inveja de mim! Lembra-se? Você o confessou!"

Palavras verdadeiras, testemunho falso. Quantas palavras Tuas, Senhor, são imaginação nossa!

Argumenta o Padre Antônio Vieira no Sermão da Sexagésima: "Mas afinal compareceram duas (testemunhas falsas) afirmando: Este disse: Posso destruir o santuário de Deus e reedificá-lo em três dias". Estas testemunhas falaram de coisas que na realidade Jesus havia dito. Se elas repetiram palavras ditas por Jesus, por que foram consideradas falsas? Por que Jesus quando falou de templo referia-se ao templo místico de Seu corpo, que seria destruído pela morte causada por judeus, para ser depois reedificado por Deus na gloriosa ressurreição. E como Jesus falava do templo místico e as testemunhas se referiam ao templo de Jerusalém, ainda que as palavras fossem verdadeiras, as testemunhas revelaram-se falsas. Eram falsas porque Jesus dissera as mesmas palavras num sentido e elas as reproduziram noutra.

Repetir palavras em diferente sentido do que lhes foi originalmente dado é levantar falso testemunho! Jesus recomendou: "Não dirás falso testemunho" (Lucas 18:20). □ —ZILTA R. C. OLIVEIRA

Mostre
o seu
apreço
com este



Certificado de Reconhecimento

Concedido a

em agradecimento por

Em _____ de _____ de _____

(Assinatura)

CERTIFICADO DE RECONHECIMENTO

- Excelente para todos os departamentos da igreja local ou do distrito.
- Próprio para ser emoldurado.
- Impressão artística, a cores.

Bloco de 25, US\$2.50

Faça o seu pedido hoje à
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES

Segue-Me!
EU SOU O CAMINHO,
 a VERDADE
 e a VIDA.
 Sem CAMINHO, não há por onde andar;
 Sem VERDADE, não há conhecimento;
 Sem VIDA, não há existência.
EU SOU O CAMINHO que tu deves seguir;
 a VERDADE que deves crer;
 a VIDA que deves esperar.
EU SOU O CAMINHO inviolável,
 a VERDADE infalível,
 a VIDA infindável.
EU SOU O CAMINHO mais recto,
 a VERDADE suprema,
 a VIDA bendita, a Vida não criada.
 Se permaneceres no Meu CAMINHO,
 Conhecerás a Verdade, a Verdade te libertará
 e alcançarás a VIDA eterna!
 Se queres reinar Comigo,
 leva a Cruz Comigo!

—Tomás de Kempis

(Imitação de Cristo)

Pensamentos:

“Deus segreda nos nossos prazeres, fala nas nossas consciências, mas grita nos nossos momentos de dor: esta é Seu megafone para despertar um mundo ensurdecido.”

“Um homem não pode devotar-se a toda a hora à defesa da verdade; deve existir um tempo em que ele se alimente dela.”

—C. S. LEWIS

**LEITURAS BÍBLICAS DO MÊS
 SETEMBRO**

1 II Crónicas 4—6	8 II Crónicas 26—29	16 Ezequiel 19—21	
2 II Crónicas 7—9	9 II Crónicas 30—32	17 Ezequiel 22—24	
3 II Crónicas 10—13	10 II Crónicas 33—36	18 Ezequiel 25—27	24 Ezequiel 43—45
4 II Crónicas 14—16	11 Ezequiel 1—3	19 Ezequiel 28—30	25 Ezequiel 46—48
5 II Crónicas 17—19	12 Ezequiel 4—7	20 Ezequiel 31—33	26 Daniel 1—3
6 II Crónicas 20—22	13 Ezequiel 8—11	21 Ezequiel 34—36	27 Daniel 4—6
7 II Crónicas 23—25	14 Ezequiel 12—14	22 Ezequiel 37—39	28 Daniel 7—9
	15 Ezequiel 15—18	23 Ezequiel 40—42	29 Daniel 10—12
			30 Ester 1—3

“Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo.”
 —II Coríntios 5:17

1. Ore pelos acampamentos e encontros de jovens realizados neste mês em dois dos nossos campos de trabalho.
2. Ore por aqueles a quem Deus está a chamar para o ministério de tempo integral.
3. Ore pelo grupo de mais de trinta missionários comissionados durante a Assembleia Geral. Uns já se encontram de viagem, outros estão em estudo de línguas, vários aguardam vistos de entrada.

“ATENÇÃO, POR FAVOR!”



Ao ouvir a chamada pelos alto-falantes do aeroporto, a multidão ficou praticamente em silêncio. Os gritos, a agitação, o movimento e as conversas ficaram suspensos até serem mencionados os nomes das pessoas procuradas. Imediatamente, como se nada tivesse acontecido, o barulho voltou ao normal.

Ao falar da Escola Dominical, Gene Van Note citou um amigo comerciante que assiste regularmente a uma classe. O homem de negócios revelou-lhe: “Na minha classe dou, nos primeiros 30 segundos, atenção incondicional ao professor. Durante esse tempo decido se devo ou não continuar atento até ao fim. A maior parte das vezes opto por distrair-me, visto que o professor não conseguiu captar a minha atenção.”

As duas ilustrações conduzem-nos ao mesmo princípio: Pede-se a nossa atenção. Somente a daremos quando o que se diz nos interessa, afecta ou relaciona à nossa vida. Por outras palavras, se o que se escuta é *importante*. Uma vez por outra temos de aguentar conversas enfadonhas e assistir a reuniões que desejaríamos terminassem quanto antes!

São muitas as causas que determinam se as reuniões na igreja são de interesse ou enfadonhas. Às vezes chegamos ao culto sem o espírito cristão que nos devia caracterizar. Talvez por nos levantarmos tarde e, na ânsia de recuperar tempo, discutirmos com as pessoas que nos rodeiam, ao ponto de irmos para a casa de Deus indispostos, amargurados ou com sentimento de culpa.

Noutras ocasiões é a pregação que não ajuda. A

mensagem deixa de atrair, por ser improvisada e sem preparação. Quase posso ouvir o “Amém” de vários leitores e o reconhecimento de muitos pregadores!

Também a falta de ordem no culto aborrece as pessoas. Alguns dirigentes pensam que o Espírito Santo corrigirá de forma mágica os erros que eles cometem na preparação descuidada do programa.

Entre tantas outras causas, há a falta de cordialidade e afecto no corpo dos crentes. Ela converte muitas vezes numa reunião formal o que deveria ser uma festa espiritual.

Quando as pessoas entram pela primeira vez na sua igreja, sentem desejo de voltar, por encontrarem algo cativante no espírito da congregação?

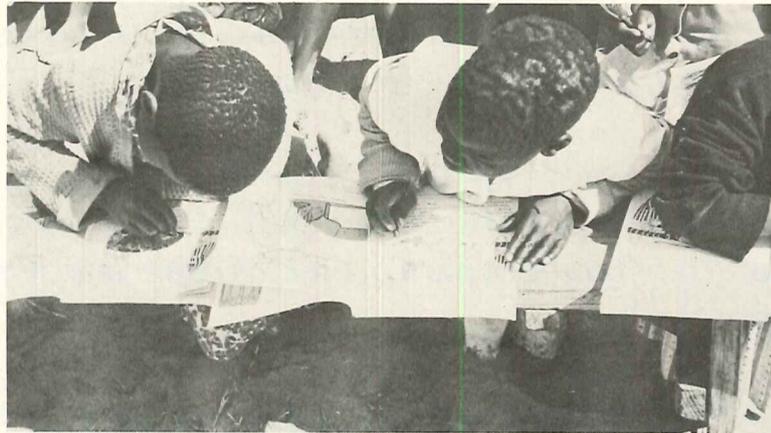
É importante avaliar com frequência o impacto que a igreja faz no nosso meio. Leslie Parrot declara num dos seus livros que não existe uma igreja ideal, como também não existe um pastor ideal, porque “a perfeição não é algo que se tenha alcançado, mas um estado ao que se procura chegar”. No entanto, continua o autor, há certas dimensões ideais a que toda a congregação deveria aspirar. Entre outras, que “haja um espírito de optimismo, entusiasmo e antecipação com respeito ao seu pastor, crentes, visitantes, programas e cultos”. As finanças, os métodos de evangelismo, o crescimento e o número de obreiros necessários para realizar a obra virão como resultado desse espírito dinâmico e contagioso.

No próximo domingo deve chegar alguma pessoa à sua igreja pela primeira vez; sentirá ela desejo de voltar? □

—MÁRIO J. ZANI

É URGENTE

A NECESSIDADE DE EDIFÍCIOS



Ha-manthatha é o nome da igreja. Fica situada na selva do distrito Blouberg, na República da África do Sul. A nova igreja impressionou-me profundamente.

O superintendente distrital, Daniel Mokebe, bem como os missionários Juanita Pate e Jane Semlar sentem responsabilidade pelo povo dessa área necessitada. Mas não existem fundos disponíveis para construir.

Por isso, juntaram algumas tábuas toscas para as paredes, chapas de latão para o telhado e levantaram uma capela. É pequena, com aproximadamente 5 por 9 metros, e sem janelas. As frinchas entre as tábuas permitem o arejamento. O chão é de terra seca e poeirenta, tornando-se em lama quando chove.

Algo que me chamou a atenção de forma especial foi um quadro exposto na igreja. Mostrava o crescimento da Escola Dominical. Em poucas semanas a assistência passara de um número pequeno a 169.

Podem imaginar 169 pessoas,

muitas delas crianças, amontoadas dentro duma casa tão pequena? A poeira e o calor tornam-se quase insuportáveis. Contudo, o povo, espiritualmente faminto, corresponde. Por ocasião da minha visita havia 26 crentes preparando-se para membros da igreja.

Deixei Ha-manthatha com um misto de emoções. Regozijeime porque temos uma casa onde as pessoas podem ouvir o evangelho. Mas também parti com vivo interesse pelas necessidades financeiras e com o desejo de tornar mais cômoda a estrutura. Prometi ao Rev. Mokebe e aos missionários que faria quanto pudesse para encontrar alguém que fornecesse o cimento necessário para cobrir

o pavimento.

O Rev. L. B. Smith, superintendente do Distrito de Cabo Ocidental, África do Sul, levou-nos a visitar igrejas de africanos de várias etnias, na área da Cidade do Cabo. Vimos um grande terreno de esquina em Mitchell's Plain onde foi oferecido à Igreja do Nazareno um local para construção. Temos, ali perto, 250 pessoas que se congregam num prédio arrendado. À noite reúnem-se em casas particulares. Devemos construir no prazo dum ano . . . ou perdemos o terreno oferecido. Visitámos outras congregações donde pessoas se tinham ausentado por falta de lugar no templo.

Estas ilustrações repetem-se continuamente. A necessidade de construir igrejas nazarenas em muitas áreas do mundo é grande. Para tantos as Ofertas de Alabastro deste ano e outras dádivas especiais aprovadas representarão grande ajuda. Respondamos, num espírito de oração e de generosidade, através da nossa oferta de amor. □

—LELA O. JACKSON

NORMAS PARA A PROMESSA

DE FÉ

A Promessa de Fé é um compromisso perante Deus, como um acto de fé, de dar determinada quantia para as missões através dum plano metódico semanal, mensal, bimensal ou anual. Não é um compromisso no sentido comum. Ao doador não lhe são exigidas prestações ou pagamentos.

A Promessa de Fé deve ser feita em relação às missões—basicamente à Missão Mundial, mas algumas congregações ofertam também para projectos especiais de missões domésticas.

A Promessa de Fé deve dar ênfase à Oferta de Gratidão e às ofertas de Páscoa e para o Orçamento Geral. Tanto os que participam no programa de Promessa de Fé como os que não assumem tal compromisso, todos, devem ter a oportunidade de contribuir para estas ofertas especiais.

A Promessa de Fé pode incluir a soma básica da oferta dada a missionários que visitem para ministrar à congregação, mas deve haver oportunidade para uma oferta especial a ser levantada nestes cultos de promoção missionária. (Tais ofertas destinam-se às despesas e equipamento dos missionários).

A Promessa de Fé pode incluir o Programa de Rádio de Missão Mundial e a Oferta de Alabastro—importâncias básicas estabelecidas—dando-se, contudo, às congregações a oportunidade de participarem nessas ofertas, em tempo designado no calendário da igreja.

A Promessa de Fé exclui despesas da igreja local (excepto gastos com o programa da Sociedade Missionária), prestações para pagar o edifício, orçamento distrital e educacional, pensões e benefícios. □

A OBRA MISSIONÁRIA NO CONTEXTO DA IGREJA

—L. GUY NEES

Embora pareça uma simplificação demasiada, existem dois tipos básicos de obra missionária no mundo de hoje. Um deles é do contacto relâmpago com a pregação do evangelho quase sempre individualista e superficial—contanto que almas sejam ganhas e o reino de Cristo presumivelmente avance. O outro é aquele que se baseia na pregação do evangelho de maneira firme e em associações sólidas; procura não só salvar almas, mas também estabelecer alicerces para o crescimento e maturidade dos salvos. De acordo com o que sei da Igreja do Nazareno, nós pertencemos ao último tipo. Os nossos missionários pioneiros praticavam-no. O seu alvo não era construir um reino pessoal ou voar dum lugar para outro, mas estabelecer um fundamento sólido sobre o qual outros missionários e obreiros nacionais pudessem edificar.

Creemos que esta prática é bíblica e que honra a Deus. Jesus procurou organizar em grupos os Seus seguidores—e não ter apenas discípulos isolados aqui e além. Ele declarou: “Sobre esta pedra edificarei a minha igreja” (Mateus 16:18).

Os primeiros cristãos começaram cedo a formar um grupo de pessoas conhecido por igreja. “E todos os dias acrescentava o Senhor, à igreja, aqueles que se haviam de salvar” (Actos 2:47).

Foi uma igreja que enviou os primeiros missionários (Actos 13:1-4).

Quando o apóstolo Paulo levou a mensagem de salvação de país a país e de cidade a cidade, fê-lo no contexto da igreja: “E havendo-lhes, por comum consentimento, eleito anciãos em cada igreja” (Actos 14:23).

Os seus escritos, conhecidos como “Epístolas do Apóstolo Paulo”, foram dirigidos mormente às igrejas de Roma, Corinto, Galácia, Éfeso, Filipos, Colossos e Tessalónica. Tais cartas continham, essencialmente, conselhos sobre como os cristãos deviam viver e servir na comunidade da igreja.

O último livro da Bíblia dirige-se “às sete igrejas que estão na Ásia” (Apocalipse 1:4).

Tudo isto não é para menosprezar o valor do testemunho e da participação individuais; antes, para salientar que os esforços individuais tornam-se mais valiosos e permanentes quando feitos dentro da estrutura dum grupo organizado de crentes.

Há mais de 75 anos que a Igreja do Nazareno tem seguido esse padrão.

Temos evangelizado, treinado, ensinado, organizado, estabelecido, disciplinado, licenciado e ordenado. Temos construído igrejas, escolas,

seminários, hospitais e dispensários. Temos publicado folhetos, revistas, livros e hinários nas diferentes línguas do povo.

Procuramos cumprir a promessa de Cristo de “edificar a igreja”.

Esta atitude acarreta implicações administrativas, pastorais e associativas.

Alcança corações e vidas da geração presente e assegura um não menos dinâmico futuro.

Hoje a nossa obra missionária estende-se por 75 áreas mundiais. Nelas temos mais de 137 distritos; 2.715 igrejas; 1.190 ministros ordenados e 1.312 pastores licenciados. Deus tem abençoado os seus esforços. Os missionários e obreiros nacionais relataram 13.484 novos membros, em 1983—mais de mil por mês.

Estamos muito gratos a Deus e comprometemo-nos a continuar a obra missionária no contexto da igreja. É escriturístico e prático.

A Igreja e a Missão Mundial ajustam-se mutuamente. □

RÁDIO!
O Mundo está sintonizado . . .

Que mensagem ouvirão?
MISSÃO MUNDIAL DA RÁDIO
Escute, Divulgue, Apoie A HORA NAZARENA

PERGUNTAS E RESPOSTAS

✓ **Por que têm os pastores pessoas que vão à frente para orar com aquelas que estão no altar e, depois, com uma oração de despedida os ministros permitem que as outras se retirem?**

Eu sei que nem todos podemos ir ao altar mas, se as outras pessoas permanecessem sentadas e em oração, não mostrariam mais interesse?

Ao terminar um culto de adoração há quase sempre visitantes na assistência que querem sair e membros que, por várias razões, precisam de sair. A oração de encerramento é uma forma delicada de lhes proporcionar oportunidade de saírem, sem se sentirem embaraçados. As pessoas que permanecem no santuário durante a oração no altar devem estar quietas e com reverência. Às vezes a intercessão e o conselho no altar demoram muito tempo; mas, por mais que tardem, não devem ser feitos em ambiente perturbador de risos e falatório.

✓ **É possível que o movimento nazareno nunca tivesse começado se existisse televisão no princípio deste século. As pessoas teriam ficado em casa a ver o televisor.**

Estará a doutrina nazarena da santidade a ser deturpada pelos hábitos de ver a televisão de alguns dos membros?

Discordo com as suas declarações. Há pessoas, agora, na igreja que não permitem que a televisão os prive dos cultos de adoração e das tarefas da igreja ou de levarem vidas santas numa sociedade pecaminosa. Não há razão para crermos que os nossos pais e mães espirituais, que resistiram a tantos pecados comuns na sua época, tivessem sucumbido aos males da televisão.

Quanto à sua pergunta, a nossa doutrina permanece imutável. O que está a ser corroído em muitos casos é a saúde e a vida espirituais de nazarenos negligentes quanto ao comportamento e à ética perfilhados pela televisão. Se a imoralidade, a blasfêmia, a obscenidade e a profanação aumentaram na televisão, também aumentou o perigo que ela representa para a nossa vida espiritual. Neste terreno a disciplina deve ser exercida com maior firmeza. Não podemos divertir-nos com a violência, a fornicção, o adultério, etc., e ainda conservar a comunhão com Deus. O pecado como passatempo ofende o Espírito Santo e conduz à morte espiritual.

✓ **Podia, por favor, declarar-me a posição nazarena quanto ao arrecadamento de fundos por venda de mercadorias para custear as actividades dos jovens e comprar equipamento para a igreja?**

O nosso *Manual* tem, a seguir à declaração de dízimos e ofertas voluntárias, um parágrafo dedicado à *Arrecadação e Distribuição de Fundos*:

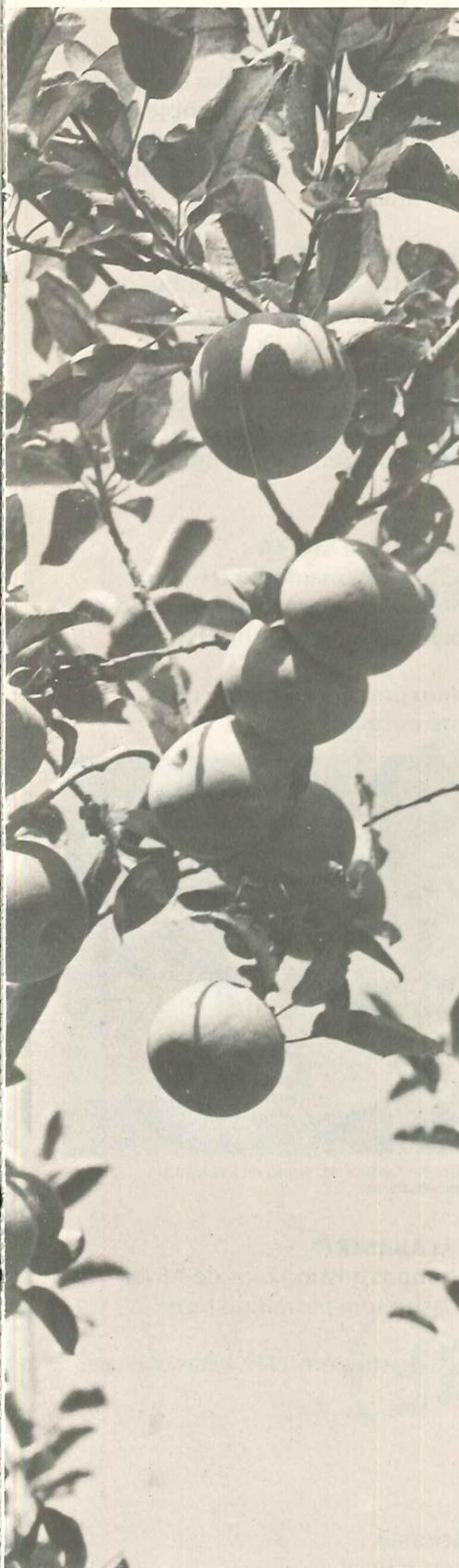
"Dado o ensino bíblico quanto à contribuição de dízimos e ofertas para o sustento do evangelho e para a construção de edifícios da igreja, nenhuma congregação nazarena deve usar qualquer método para a arrecadação de fundos que menospreze estes princípios, estorve a mensagem do evangelho, manche o nome da igreja, descrimine os pobres ou canalize erroneamente as energias do nosso povo em vez de as dedicar totalmente à disseminação do evangelho" (37.2).

Parece claro que arrecadação de fundos não se encontra limitada a dízimos e ofertas, mas a outros métodos que podem ser usados, sob as condições apontadas. Suponho que "vender mercadoria" devia situar-se na base de (1) que se está a vender; (2) como; e (3) com que finalidade.

Se uma junta da igreja local tem dúvidas quanto a qualquer método específico proposto para arrecadar fundos, busque a orientação dos superintendentes gerais, pois "a Junta de Superintendentes Gerais terá a autoridade de interpretar a lei e a doutrina da Igreja do Nazareno, e o significado e a força de todas as provisões do *Manual*, sujeita a um apelo à Assembleia Geral" (318). □



A ARTE DE DAR A OUTROS —LOLA M. WILLIAMS



“Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber” (Actos 20:35). Também é mais fácil—não é?

Dar a outros é uma arte cristã que todos nós precisamos de aperfeiçoar. Para se obter a bênção de dar deve existir um recebedor abençoado. Se você experimentou dar e foi recusado, examine os motivos que o levaram a dar e os métodos que empregou.

Quando você dá fá-lo com *discreção*? Não esteja ansioso em os outros conhecerem as suas boas obras. Se a boa acção é divulgada, deixe que o faça quem recebe e não quem dá. “Quando tu deres esmola, não saiba a tua mão esquerda o que fez a tua direita; para que a tua esmola seja dada ocultamente: e teu Pai que vê em segredo, te recompensará publicamente” (Mateus 6:3-4).

Compare estes dois acontecimentos. A família Ferreira, numa igreja particular, encontrava-se em grande dificuldade financeira. Doroteia, uma senhora da igreja, foi visitá-la e ofereceu-se para dar camisas usadas aos meninos. Disse que estavam limpas e em bom estado. Os filhos precisavam delas e Doroteia estava a ser tão amável que a família Ferreira aceitou. Agradeceram-lhe e pensaram que era uma acção cristã maravilhosa.

Mais tarde, numa reunião de oração, Doroteia levantou-se para testificar de como o Senhor a tinha abençoado quando deu aos meninos da família Ferreira algumas camisas usadas. O “testemunho” dela foi de grande embaraço para toda a família Ferreira que esta nunca mais aceitou nada dela.

Nessa mesma igreja, o casal Lopes descobriu que a família Silva não tinha dinheiro para acabar de pagar os novos sobretudos dos dois filhos. O

casal Lopes foi à casa comercial, pagou o balanço e levantou-os. Nessa noite os dois esposos foram a casa da família Silva e entregaram a encomenda com estas palavras: “Feliz Natal, com dois meses de antecipação”.

Quando abriram o embrulho e viram os novos sobretudos, a família Silva ficou radiante. Agradeceu muito ao casal Lopes a sua generosidade e louvou ao Senhor por ter respondido à sua oração.

O casal Lopes nunca abriu a boca para ninguém acerca do que fizera. Quando mais tarde se soube, foi a própria família Silva que o comunicou a outros.

Quando você dá é *específico*? Não fale em termos genéricos como “quanto quiser”, “em qualquer tempo” ou “se houver alguma coisa que eu possa fazer, deixe-me saber”.

A Sra. Ana perguntou à Sra. Maria: “A sua família gosta de maçãs? Quando ela respondeu que sim, a Sra. Ana continuou: “Bem, eu tenho muitas. Venha em qualquer altura e apanhe algumas para a família”.

Dito assim, em termos gerais, ela pensou que estava a ser muito generosa; mas, na realidade, colocou a Sra. Maria em certa dependência. Quantas maçãs representava a palavra “algumas”—uma canastra, um cesto ou uma dúzia? Fê-la sentir-se como se fosse um mendigo e carregador; por isso, nunca apareceu para colher maçãs.

A Sra. Ana ficou ferida por a sua generosa oferta não ter sido aceite; e a Sra. Maria sentiu-se em apuros. Criou-se uma situação tensa entre as duas que teria sido evitada se a Sra. Ana tivesse sido mais específica.

Quando dá é com *um coração de amor* ou por satisfação própria? Não dê por considerá-lo um “dever” ou, talvez, para

fugir de embaraços.

Um jovem tinha dificuldade em viver no nível dos seus rendimentos e a sua família estava a passar mal. A sogra, que financeiramente podia ajudar, estragou tudo ao dizer: "Penso que terei de comprar roupa para os vossos filhos. Não quero ficar envergonhada da forma como se apresentam.

O marido e pai sentiu-se humilhado pelo modo como a sogra desejava "dar". Antes de ele falar, a sua corajosa esposa teve o bom senso de dizer à mãe: "Obrigada, mas vamos fazê-lo por nós próprios".

Quando você dá, tem em consideração o gosto de quem recebe? Não force alguém a receber coisas de que você, pessoalmente, goste. Respeite o direito das outras pessoas não gostarem das mesmas coisas que você aprecia.

Está certo que tal pessoa gosta de poesia antes de lhe oferecer um poema? Ou que aprecia a leitura, antes de lhe dar um livro? Sabe que tipo de música ela prefere, antes de lhe oferecer um disco?

Quando você dá, que sejam coisas *proveitosas*, não algo de que se quer desfazer. Ninguém aprecia ser usado como caixote de lixo. Certifique-se de que as coisas que dá estão limpas, em bom estado e com a medida certa. O privilégio de dar faz-nos sentir prestáveis. Entretanto, se não tivermos cuidado, também nos fará sentir superiores. É uma área da vida cristã onde precisamos de ter prudência. Só assim os que recebem de nós se poderão levantar e chamar-nos bem-aventurados—não necessariamente em público, mas no íntimo da alma. Então, teremos dominado a arte de dar a outros. □

UM NAZARENO "REGRESSA" AO EGITO

Doze pastores e suas pequenas congregações reunidas em casas particulares, uniram-se à Igreja do Nazareno. Celebram-se hoje cultos nas seguintes localidades: Cairo, Alexandria, Suez e áreas vizinhas. O Rev. Tom Schofield, director da região, vê grandes possibilidades nesta porta recém-aberta em território árabe.

CRESCIMENTO ANIMADOR

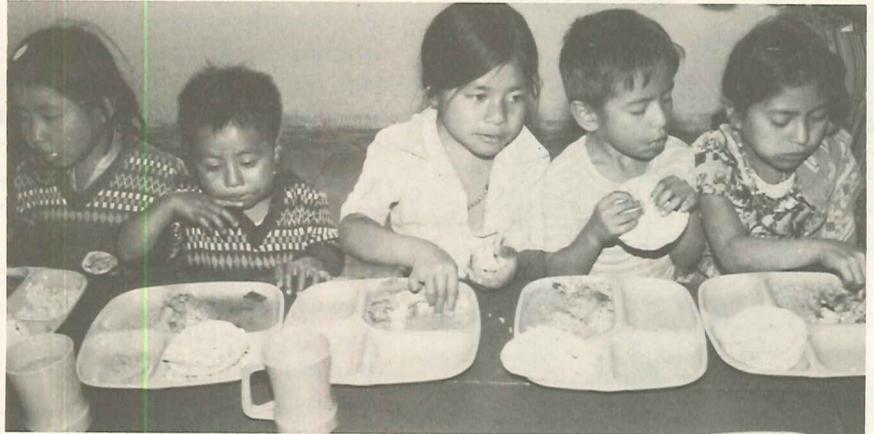
A despeito de tanta tragédia que tem abalado várias regiões do continente africano nestes últimos tempos, a igreja regista um crescimento saudável. Informa o director regional, Dr. Richard Zanner, que houve um aumento de 2.213 membros (9,44%).

O coração generoso dos africanos veio de novo à tona. Num continente onde a seca e a fome têm minado tantas famílias, os fiéis ainda deram ao Senhor mais do que em qualquer outra altura: 30% acima das dâdivas anteriores.

UM REFÚGIO PARA A INFÂNCIA

Acha-se agora no seu nono mês de funcionamento o Centro Nazareno de Refúgio à Infância, especialmente criado para crianças órfãs da Guatemala. Acha-se situado em San Miguel Chicaf, Baja Verapaz, na região norte do país.

O presidente da Guatemala enviou um representante pessoal para as cerimónias de dedicação deste esforço meritório.



Alguns dos 50 primeiros órfãos de pai e mãe acolhidos no Centro Nazareno de Refúgio à infância, em Baja Verapaz, Guatemala.

OFERTA DE ALABASTRO

Quando estudarmos os nossos campos missionários de África ajudará saber o que a Oferta de Alabastro tem permitido fazer no grande continente.

Desde o início do Programa de Alabastro, em 1949, estas ofertas têm ajudado a construir em África:

- 84 Igrejas
- 43 Escolas Bíblicas
- 13 Hospitais e Clínicas
- 67 Casas para missionários
- 82 Residências para obreiros nacionais
- 75 Projectos vários de importância crucial.

Vinde a Mim . . .

porque

o Meu jugo

é SUAVE

e o Meu fardo

é LEVE.

— JESUS

[Mateus 11:28, 30]

Saiu o 3º Volume de JÓIAS FAVORITAS!

Tem as seguintes gemas:

A GRAÇA DE DEUS
AMOR PROFUNDO
ANDAI COM DEUS
ATÉ QUE CRISTO SALVOU-ME
CAIA A TUA CAPA EM MIM
COM CRISTO É CÉU
CRISTO ME SALVOU
CRISTO SOFREU
DEUS NO SEU TRONO ESTÁ
DIA A DIA
EU LOUVO A TI
EU PRECISO DE JESUS
FALA COM DEUS
GRANDIOSO É DEUS
GUARDARÁS EM PERFEITA PAZ
HÁ QUANTO TEMPO?
JESUS, O BEM-AMADO
LÁ NA DURA CRUZ
MARAVILHOSO É DEUS
NA CRUZ P'RA TI HÁ LUGAR

NÃO TARDARÁ
NAS MARGENS DO JORDÃO
NESTA HORA
NO CALVÁRIO SOBRE A CRUZ
NÓS, O VEREMOS
O MUNDO HÁ-DE SABER
O TEMPO SE ESWAI E MUITO
HÁ QUE FAZER
OH, QUE AMOR!
OH, QUE DIA SERÁ
PAZ NA TEMPESTADE
POR ISSO CANTAREI
QUANDO AO SENHOR JESUS
CHEGUEI
SIM, ELE CUMPRIU!
SUBMISSÃO
TÉ QUE PASSE A TORMENTA
TU ORASTE, IRMÃO?
UM MILAGRE HAVERÁ
UM SÓ E MAIS NINGUÉM
VI O MEU MESTRE



Preço: US\$3.00 por cada livro.

Complete a série desta preciosa colectânea de músicas favoritas. Se ainda não tem os volumes 1 e 2, peça todos à

CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES
Box 527, Kansas City, Missouri 64141, E.U.A.